Ano XV — Lisboa, Abril e Maio de 1959 — N.os 168-169

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 3$00

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

DIA DO ESCOTEIRO

S. Jorge comemora-se a 23 de Abril. Nesse dia todos os bons escoteiros se lembram de meditar sobre a sua promessa e lei. Recordai-vos disto no próximo dia 23 de Abril e saudai os vossos irmãos escoteiros espalhados pelo mundo.

B. P.

Comemoramos, uma vez mais, o Dia do Escoteiro e fazemo-lo num momento extraordinàriamente grave para a humanidade. Parece-nos que o Escoteiro não deve fingir ignorância das tremendas responsabilidades da hora que estamos vivendo. Atravessamos uma época de crise na história do homem. O mundo inquieta-se, povos adormecidos há séculos acordam sobressaltados e agitam-se de forma assustadora. Rugem ameaças, armam-se braços, fomentam-se ódios. Qualquer gesto irreflectido ou atitude inconveniente dos homens a quem cabe o governo dos povos pode trazer não só a guerra, mas a destruição completa da civilização humana. Em tão crítica vicissitude, aos homens é apenas oferecido um único caminho para a solução dos seus relevantes problemas. Esse caminho — o Amor — é, no entanto, negligenciado até mesmo em círculos restritos onde deveria ser natural, expontâneo. O homem vive desinteressado do seu semelhante, desconhecendo o vizinho, procurando apenas a satisfação egoista dos seus interesses pessoais. É esse sentido errado da vida que tem conduzido a humanidade à triste encruzilhada em que se encontra.

Importa urgentemente abrir janelas para o mundo, despertar o interesse pelo semelhante, descobrir em nós próprios a capacidade de simpatizar, buscar com afã a felicidade do próximo, dos desprotegidos, dos humildes, dos povos fracos ou atrasados. A amizade sincera é, sem dúvida, a única solução para as inquietudes sociais, políticas e mesmo económicas, tanto na esfera nacional como mundial. Por isso tudo quanto deliberadamente for feito para fomentar sentimentos fraternos — não hipócritas —, hábitos de companheirismo, possibilidades de mútua compreensão, é serviço de alto e relevante valor que deve merecer o apoio desinteressado e constante de todos os homens. Porque é de crise a hora que vivemos, ela é consequentemente de transição. A nossa acção poderá contribuir para que essa transição se processe no sentido do Bem e da Justiça.

As finalidades do Escotismo foram tão sàbiamente traçadas pelo Fundador, que a sua doutrina e o seu Ideal se ajustam perfeitamente às necessidades da hora presente. A nossa vida no Escotismo deve ser ùnicamente orientada pelo Amor, pelo espírito de serviço. Se pudermos pacientemente insuflar no coração de cada jovem escoteiro este ideal de amizade, esta necessidade de servir o semelhante, a preocupação constante de deixar este mundo um pouco melhor de que o encontrámos, talvez ainda possamos poupar a humanidade aos sofrimentos que parecem apenas suspensos.

«Um pouco de fermento leveda toda a massa». Os Escoteiros — de todos os credos e opiniões — poderão ser no mundo actual esse fermento que fará levedar a grande massa da humanidade. Para isso é apenas necessário que sejamos fermento realmente activo, cheio de poder espiritual, agindo em nosso derredor, neutralizando como espírito da Boa Acção os ódios em efervescência.

O Dia do Escoteiro é uma feliz oportunidade de acção. Baden-

(Conclui na página 2)

O Vício do Jogo

—Terrível ameaça para a juventude de Portugal

O vício do jogo, esse monstro que destrói o carácter e a personalidade daqueles que se deixam apanhar nas suas malhas, causador de tantas desgraças, roubos, misérias, está hoje ameaçadoramente suspenso sobre a cabeça de muitos jovens. A ganância de negociantes sem escrúpulos tem introduzido em muitos lugares públicos, cafés, bares ou recintos de distracções, umas máquinas, a que os brasileiros sugestivamente chamam *caça-níqueis*, que constituem aliciante convite ao jogo. A sugestão do *ganho* é aqui tão terrível que os rapazes deixam fàcilmente seduzir-se. Trata-se de uma mesa em que funcionam umas pequenas esferas, que accionadas podem ou não introduzir-se em certos lugares ou tocar obstáculos, fazendo girar um mostrador onde aparecem e desaparecem números que marcam os *ganhos*. As bolas funcionam introduzindo-se consequentemente moedas de um escudo, movimentando o referido mostrador e operando o funcionamento de uma série de lâmpadas de várias cores, que se acendem e apagam, alucinando aqueles que se deixem prender pela sua fascinação.

Um amigo nosso, que por motivo profissional tem de permanecer na vizinhança de uma dessas máquinas, conta-nos que há certos jovens que passam horas seguidas agarrados aos manípulos, introduzindo novas moedas. Alguns correm ali de manhã cedo, antes de se dirigirem ao trabalho, e ali voltam logo que deixam o serviço.

De vez em quando, o jogo proporciona-lhes algum ganho—como é necessário para manter a sedução — mas normalmente esses rapazes perdem dezenas de escudos, e até centenas, causando apreen-

(Conclui na página 2)

O Vício do Jogo

(*Conclusão da página 1*)

sões a proveniência desse dinheiro. Inquieta observar a autêntica alucinação com que tantos jovens manobram os terríveis *caça-níqueis*, deixando escravizar-se pelo vício do jogo. Entretanto, o lucro dos empresários é de tal forma compensador, que alguns se preparavam para adquirir mais aparelhagem numa actividade verdadeiramente criminosa, o que parece ter sido impedido pelo anúncio de que tais máquinas seriam proibidas a partir do próximo ano.

No entanto, a sedução do jogo através dessa aparelhagem mecânica é de tal forma nociva, há um tão grande número de rapazes deixando-se prender nas garras do vício, que não se justifica o seu funcionamento mesmo sòmente até ao fim do ano. Quantas vidas serão prevertidas durante tantos meses ainda por ter sido permitida actividade tão criminosa? Ainda recentemente os jornais noticiaram que em Évora um motorista viciado pelo jogo dessas máquinas tinha sido levado à prática de um importante roubo. Se pudéssemos investigar a causa dos repetidos pequenos desvios praticados por tantos jovens no início da sua vida profissional, talvez o jogo estivesse quase sempre na sua origem.

«Sempre Pronto», paladino da causa da educação da juventude, não pode deixar de lançar das suas colunas o grito de alarme contra semelhante perigo, pedindo a quem de direito que proíba imediatamente tão graves instrumentos de preversão, a bem da saúde mental da juventude portuguesa.

• • o • •

Escoteiro-Chefe Dr. Eugénio Henrique Ramos

Em serviço profissional, partiu em 6 de Abril corrente para Luanda, por avião, o ilustre advogado e nosso estimado amigo Sr. Dr. Eugénio Henrique Ramos, membro do Conselho Fiscal da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

O que todos sabem e alguns esquecem

A cortesia, em todas as circunstâncias, e especialmente com os desconhecidos, é a melhor prova de uma esmerada educação. Ser atenciosos e serviçais a todo o momento deve chegar a ser um instinto em cada um de nós. É muito certo o velho dito espanhol: *O cortês não tira o valente.* Mas sejamos atenciosos e serviçais sem nenhum interesse, por satisfação própria. E se formos objecto de atenções alheias, aceitemo-las com o sorriso nos lábios, sem imaginar que o autor delas pretende nada, nem faz outra coisa que não seja mostrar os seus bons modos.

Andemos pela rua sem atropelar ninguém, ainda que estejamos apressados. Se alguém nos pede informações, tratemos de atendê-lo com afabilidade, especialmente se é um forasteiro. E se essa pessoa não sabe o nosso idioma, levemo-la até ao primeiro agente de polícia, que a porá em contacto com quem possa ajudá-la, se ele mesmo não a entende. Nos dias chuvosos, ofereçamos o guarda-chuvas aos anciãos ou enfermos.

Os que saem à rua com algum mandato ou comissão, qualquer que seja a sua classe, não devem esquecer o seu aspecto exterior, dentro das suas possibilidades. Não estará bem que saiam esgargalados, desalinhados e despenteados. Todos estes pormenores mostram o respeito e a cordialidade que devemos uns aos outros e fazem grata a convivência social.

Recorrendo o vasto território da minha pátria, nas povoações mais pequenas, sem excepção, e em todos os caminhos, ao cruzar-me com os camponeses que iam a cavalo ou a pé, ouvia a sua simpática toada: «*Buenas tardes niñita!*», acompanhando a saudação com a mão levada ao chapéu. Temos que aprender muito dessas gentes simples e desses povos humildes, até onde não chegou ainda a despreocupação das grandes.

(Extracto) EUGÉNIA DE CHIKOFF

Revista Scout de las Americas — Argentina

DIA DO ESCOTEIRO

(*Conclusão da página 1*)

-Powell sugere-nos que saudemos os nossos irmãos estrangeiros neste dia. Façamo-lo com entusiasmo. Troquemos votos com os nossos companheiros de todas as pátrias, afirmemos a nossa indefectível dedicação a todos que enverguem o uniforme escoteiro em qualquer latitude, mas não façamos exclusão de ninguém, nem mesmo dos nossos vizinhos, ainda que professem crenças e opiniões que se não possam aferir perfeitamente pelas nossas. Tentemos compreender aqueles que porventura não pensem como nós e façamos companheiros de todos os homens, para que a paz reine na nossa cidade e a boa vontade alargue as suas fronteiras ao mundo.

COMEMORAÇÕES DO DIA DO ESCOTE

ANTIGOS ESCOTEIROS

No próximo dia 23, a Fraternal não re liza o seu habitual almoço de confraterni ção. Em vez disso, porém, no sábado s guinte, dia 25 de Abril, comemora o Dia S. Jorge com um jantar de confraterniza que se efectuará às 20 horas no Restaura Napolitano, na Rua de S. Paulo, n.º 17

A ementa para este jantar é livre, sen o serviço à lista, o que permitirá a ca conviva escolher o prato que preferir.

Dado o significado do dia, a Fraterni espera a comparência do maior número Antigos Escoteiros, bem como de suas E posas que são cordialmente convidada

GRUPO N.º 8

No próximo dia 23, quinta-feira, às horas, o Grupo n.º 8, «Pedro Álvares C bral», promoverá na sua sede, na Rua Fel Moniz, 17, uma sessão comemorativa. Ha verá uma palestra sobre S. Jorge e serã exibidos filmes culturais.

Para esta sessão são convidados Esco teiros, Antigos Escoteiros e pessoas de f mília.

GRUPO N.º 94

Também este Grupo realiza no mesm dia e à mesma hora uma sessão comemor tiva do Dia de S. Jorge, na qual haverá um palestra, canções e farão promessa novo escoteiros.

• • o • •

Duas novas desculpas para não usar o Uniforme Escoteiro

1 — De Dirigentes de meia idade «Sinto muito mas meu filho está fazendo uso do meu único uniforme».

2 — Do Comissário que preside a uma reunião: «Desculpem não vir uniformizado mas fi serão e saí só a tempo de es tar aqui».

• • o • •

O 15.º Aniversário do «SEMPRE PRONTO»

A propósito do 15.º aniversário deste jornal, a Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal teve a subida amabilidade de nos enviar um ofício de felicitações, no qual expressa a sua completa concordância com o editorial «15.º aniversário» e afirma, no que o mesmo se refere aos Antigos Escoteiros, que *nunca faltarão à chamada quando se trate de colaborar com este tão prestigioso jornal.* Formulam ainda *ardentes votos de que o «Sempre Pronto» continue na sua rota de bem servir o escotismo em largos anos de vida.*

Registamos com muita satisfação a presença dos Antigos Escoteiros e as palavras amigas da sua dedicada Direcção. Agradecemos os seus votos e alegra-nos muito a certeza de que nesta difícil tarefa de servir o Escotismo Português não estamos sòzinhos e podemos ver a nosso lado os Antigos Escoteiros *sempre prontos* a colaborar.



UM BARBEIRO DIPLOMATA

Quando António foi a Vila Franca, às festas do Colete Encarnado, sentiu que o cabelo estava um tanto crescido. Entrou numa barbearia e, dirigindo-se ao oficial, ordenou-lhe:

— Por favor, corte-me depressa o cabelo.

— Como é que o senhor o quer? — perguntou o barbeiro, que se chamava Matias.

— Calado! — retorquiu António.

— Calado? — estranhou Matias — Isso é impossível, freguês. Um barbeiro calado deve ser um fenómeno de circo...

António nada objectou, enquanto o barbeiro empunhava a tesoura e o pente.

— O senhor parece que embirra com os barbeiros... arriscou Matias.

— Porquê? Por ter o cabelo muito comprido? — perguntou Anio.

— Não. Por não querer que se fale... Pois olhe que, às vezes, os oficiais cá do nosso ofício sabem-nas boas...

— Está bem, amigo. Mas eu estou com pressa e não quero que o senhor perca tempo a contar loas... Que é isso, afinal, o que os barbeiros sabem...

Matias corou.

— O senhor desculpe, mas olhe que os barbeiros, às vezes, dizem coisas acertadas. Até lhe posso contar a história de um colega, e por sinal que era aqui de Vila Franca, que foi parar à Rússia...

— Homem, então conte lá isso.

Esfregando as mãos, Matias começou.

— Há muitos anos, não me lembro bem da era, nasceu aqui, na notável Vila Franca de Xira — como se vê no brasão — um tal Dionísio Pedro Lopes, filho de Manuel Lopes e de Maria Teresa, gente pobre mas honesta. O rapaz aprendeu a barbeiro e trabalhou aqui no ofício, até que, um dia, partiu para Lisboa, como barbeiro de um fidalgo, chamado Fuão Horta Machado.

— E depois? — perguntou o freguês.

— Vê? Vê como já está interessado na conversa cá do artista... É que os barbeiros não sabem só dizer loas...

— Está bem, homem. Desembuche...

— Então, vá lá. O tal fidalgo foi despachado como cônsul de Portugal na Rússia e partiu para S. Petersburgo, levando o barbeiro. E o nosso vilafranquense, ao ver-se naquele país, aprendeu várias línguas, tornou-se um cidadão, adquiriu relações, negociou, conseguiu grande fortuna e veio a casar com a filha de um capitão de cavalaria, com muita satisfação, sabe de quem?

— Já calculo. Do patrão, desse tal Fuas...

— Fuas, não, Fuão. Fuão Horta Machado. Isso sim! A satisfação foi toda da célebre imperatriz Catarina II, a Grande!

— Muito me conta, amigo barbeiro! — observou António — E que mais aconteceu ao tal Dionísio?

— O que aconteceu? O tal Fuão foi-se desta para melhor vida lá na tal cidade de S. Petersburgo. E o nosso barbeiro tornou-se cônsul de Portugal, lugar que desempenhou com muito acerto.

— Veja lá o destino! Um barbeiro que se tornou diplomata...

— Nem mais, meu caro senhor. Certo dia, cheio de saudades, veio a Portugal. Trazia duas filhas, que eram lindas como os amores, com uma educação de alto lá, e que, depois vieram a casar com dois barões do Império Russo. Pois quando voltou a Vila Franca, o senhor não julgue que ele vinha cheio de vento... Isso sim! Tratou toda a gente muito bem e aos antigos colegas no ofício pediu que continuassem a tratá-lo por tu. A todos falava e abraçava, risonho e afável. Voltou à Rússia, onde recebeu a visita de uma sua irmã, chamada Ana Rita, e onde acabou os seus dias. Aqui tem o senhor a história...

— Sim senhor! E creia que ouvi com muito interesse... Mas, agora pergunto. Onde é que o senhor leu tudo isso?

Matias respondeu prontamente.

— Num artigo publicado na revista *Vida Ribatejana*. A história foi tirada de um manuscrito oferecido por um vilafranquense ilustre, Doutor João da Silva Amaral, à Câmara Municipal desta Vila.

MANUEL FERREIRA



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

«Casa de Baden-Powell» em Londres

Por ocasião do Jambori do Centenário, realizado em Inglatera em 1957, foi aberta uma grande subscrição a favor da construção da «Casa de Baden-Powell», cuja maqueta-mealheiro esteve exposta em diversos pontos daquele Jambori para recolha de pequenas ofertas dos escoteiros participantes.

Também muitas personalidades britânicas e antigos escoteiros contribuíram generosamente para aquele projecto.

A Comissão Executiva da Associação dos Escoteiros de Inglaterra acaba de aprovar o projecto da «Casa de Baden-Powell», que vai ser construída em Londres para homenagear o Fundador do Escotismo e acolher naquela cidade os escoteiros de todo o mundo, constituindo um centro do Escotismo Mundial.

A «Casa» terá dormitórios para albergar os escoteiros estrangeiros e da província de visita a Londres, restaurante, biblioteca e o Museu do Escotismo Mundial. Para aqui serão transferidas não só as relíquias de B. P. que se encontram na «Sala de Baden-Powell» actualmente existente em Londres, mas ainda outras que se encontram dispersas.

O Escotismo da Grã-Bretanha, a quem se deve tão feliz iniciativa, conta presentemente 500.000 membros.

Comissário Executivo Regional para a Região Árabe

A Repartição Internacional de Escotismo anuncia que o sr. Ali el Dandachi, da Síria, R. A. U., que esteve em Lisboa por ocasião da visita do General Spry, foi nomeado Comissário Executivo Regional para a Região Árabe.

O sr. Dandachi que esteve já em Portugal por ocasião da Conferência de Comissários Internacionais de 1950, é muito conhecido através do Mundo Escoteiro. Foi um dos fundadores do Escotismo na Síria e no Líbano e há alguns anos que é o Vice-Presidente dos Escoteiros da Síria. É membro do Conselho Árabe de Escotismo desde 1954. De 1951 a 1957, serviu como membro do Conselho Internacional tendo visitado nesta qualidade quase todas as associações do mundo árabe. Tem tomado parte em muitas reuniões internacionais e possui condecorações escoteiras de diversos países. Durante alguns anos o sr. Dandachi foi membro não partidário do parlamento da Síria, representando áreas nómadas.

Com a nomeação do sr. Dandachi, a Repartição Internacional toma uma importante decisão para cumprimento da «Operação Jubileu», o plano para o desenvolvimento do Escotismo no Mundo adoptado na Conferência Internacional de Cambridge, em 1957.

Livros indispensáveis a todos os Dirigentes e Guias de Patrulha

De Baden-Powell:

ESCOTISMO PARA RAPAZES .. 20$00

MANUAL DO LOBITO..... 15$00

De Roland Philipps:

O SISTEMA DE PATRULHAS... 5$00

Provas de 3.ª classe:

PARA SER ESCOTEIRO ..... 3$50

Provas de 2.ª classe:

SEMPRE PRONTO ..... 5$00

À VENDA

SERVIÇO DE MATERIAL E UNIFORMES DA A. E. P.

e na Redacção do «Sempre Pronto»



PÁGINA DO ESCOTEIRO

Meu caro Escoteiro:

Já estamos na Primavera. O campo convida-te para a aventura. Não desprezes tão feliz oportunidade. Sai da cidade, manhã cedo, quando os preguiçosos ainda dormem. Goza a natureza em todo o seu esplendor. Observa os animaizinhos, os insectos que parecem insignificantes mas constituem extraordinárias maravilhas da vida. Descobre e identifica as plantas. Analisa a vida em todos os seus aspectos, debruça-te sobre a obra de Deus e ser-te-á revelado um livro maravilhoso inteiramente desconhecido daqueles que vivem trancados nas portas da cidade.

Não te demores. Sai para o campo para a aventura...

Teu Irmão — *Sempre Pronto*

LOBO VELHO

FALAS DE UM EX-GUIA

O JORNAL DE PATRULHA

Todos os rapazes gostam de fazer trabalhos bastante divertidos, nos quais as suas ideias, possam ser postas em prática.

Construir um pequeno jornal de patrulha é coisa engraçada e de muita imaginação, que dá algum trabalho, é certo, mas agrada imenso a quem o elabora.

Toda a boa patrulha deve ter o seu jornal ou boletim de informações para que nele possa contar todos os factos importantes da sua vida, dando ao mesmo tempo o ensejo de muitos escoteiros poderem expandir e pôr em prática os seus dotes jornalísticos.

A minha patrulha também possuiu um jornalzinho de quatro páginas que se publicou ininterruptamente durante um ano.

Era tirado ao copiógrafo com a edição de cerca de 40 exemplares por mês, que vendíamos aos amigos e escoteiros a $50 cada.

Claro que não visávamos lucro, pois este era pràticamente nulo, e o jornal só parou porque o copiógrafo se estragou e não houve possibilidade de arranjar outro.

Para se fazer um jornal copiografado é fácil, não vos descrevo no pequeno espaço que tenho para as nossas conversas como se faz um copiógrafo, porque isso ocuparia algumas páginas, no entanto, se quiserem saber como este se faz, consultem o n.º 80 do «Sempre Pronto» e lá encontrareis todas as explicações.

Não aconselho a fazer um jornal impresso porque isso será muito dispendioso e com certeza que não tendes dinheiro para tal.

No caso de ser impossível um jornal com tiragem de exemplares, podem elaborar um só e emprestá-lo sucessivamente a cada um dos escoteiros da patrulha e depois aos outros escoteiros, ou então, construam um de parede que apenas tem o inconveniente de só ser lido por pequeno número de leitores.

No entanto, se fizerem um jornal de parede empreguem o mais possível o gosto artístico para que salte bem à vista da pessoa que o lê.

Claro que nem todos os escoteiros têm espírito jornalístico, os que não tiverem poderão fazer os outros serviços, que são inúmeros, de que um jornal precisa para ser feito.

Portanto, para a frente, cá fico à espera do primeiro exemplar que saia, para ver se está bem.

Até breve

PATA DE LOBO

Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

De Luto—Em 31 de Março passado, faleceu o sr. José Maria Reis, pai do nosso estimado assinante sr. Júlio Maria Reis, antigo chefe de divisão do Grupo 94. O extinto era um dedicado admirador do Escotismo e exemplar chefe de família. A toda a família enlutada e particularmente ao nosso bom amigo sr. Júlio Maria Reis apresentamos sentidas condolências.

Insígnias de Aptidão

DESENHADOR

Insígnia: *Paleta e pincel*

1) Demonstrar o seu interesse, prática e proficiência em qualquer das seguintes especialidades:

Arte Gráfica — Desenho, pintura, água-forte, xilogravura, gravura em linóleo

Trabalhos decorativos — Padrão para papel de parede, manufacturas impressas ou tecidos, cartazes, capas de livros etc.

Arte plástica — Modelagem em barro, plasticina, etc., desenho em cerâmica.

Escultura — Em madeira, pedra ou materiais provisórios como sabão;

Letras — Romanas, Góticas, Decorativas, etc.

O trabalho apresentado não pode ser em nenhum caso, cópia ou imitação e o candidato deve dar a sua palavra de Escoteiro que o trabalho é original e inteiramente executado por si.

2) Saber os nomes e algo sobre os trabalhos de pelo menos três notáveis artistas da especialidade que escolheu.

ARTISTA

Para maiores de quinze anos

1) Demonstrar conhecimento e habilidade numa das formas de arte dadas na insígnia de Desenhador.

2) Apresentar exemplares do seu próprio trabalho e discuti-los com o Examinador com particular referência para:

a — Qualquer preparação necessária de meios e materiais.

b — Oportunidade para posterior estudo da arte.

c — Exemplos de mestres cujas obras conheça ou livros que tenha estudado e suas opiniões sobre eles.

Passou-se há muitos anos...

Uma Travessia Perigosa...

Chegaram os escoteiros junto dum ribeiro, que se tornava necessário atravessar. Não havendo ponte por ali perto, o E. C. procurou um vau, tendo a felicidade de encontrar umas alpondras que iam de margem a margem e eram utilizadas para a passagem das gentes das redondezas. Acontecia, porém, que a primeira era, ao que se viu, utilizada como lavadouro, pelo que estava resvaladiça em virtude do sabão que por ela escorria quando as lavadeiras a utilizavam.

Receoso de que qualquer rapaz pudesse escorregar e cair, o E. C. colocou-se junto da pedra, mandou formar os rapazes em fila indiana e ordenou que avançassem, auxiliando um por um a passar a pedra perigosa até ao último. Por fim passou ele próprio, mas... escorregou e só por um milagre de equilíbrio não caiu à água. Não pôde evitar, porém, introduzir uma perna no ribeiro molhando-a até ao joelho, tendo, depois, de caminhar por entre o gáudio dos rapazes, durante algum tempo, com a meia e a bota às costas para secarem...

O CAMINHEIRO E A VIDA

O PROBLEMA DA MENDICIDADE

Recolheu ao Instituto de Medicina Legal, por ter chegado já morto ao Hospital de S. José, um homem, que aparentava ter 40 anos, do qual apenas se sabe que andava a mendigar e que caiu do 4.º andar de um prédio na Rua Leite de Vasconcelos.
De «O Século» de 24-2-1959

O Caminheiro é o jovem escoteiro que, tendo terminado a sua formação, está na rota da Vida, pronto a aplicar os altos ideais escoteiros às circunstâncias de cada dia. Não é, no entanto, um visionário. Desde Lobito que ele se habituou a conhecer os perigos da *selva*, a distinguir os *bandarlougues* dos *lobitos*, o traiçoeiro *Tábaqui* do manso e sábio *Bálu*. Sabe, por isso, que a vida lhe reservará contingências desagradáveis que dificilmente se coadunarão com os seus ideais. Isso não impede, porém, a fidelidade aos altos princípios que enformam o seu carácter, na certeza de que eles correspondem inteiramente às exigências de uma mentalidade sã e digna, embora saiba que vive rodeado de um mundo que posterga os altos valores do espírito.

A missão do caminheiro é servir. E servir é afinal o grande objectivo do homem. O que acontece, todavia, é que muitos atraiçoam os seus deveres e procuram ignorar as responsabilidades que lhes cabem como membros da família humana. O Caminheiro sabe que lhe assiste o dever de contribuir na medida das suas possibilidades para a felicidade do agregado humano de que faz parte, e que não vive simplesmente para satisfazer apetites e ambições.

Infelizmente, porém, muitos julgam que nada têm que ver com as aflições e necessidades do companheiro ou vizinho e podem passar despreocupadamente pelo enfermo ou pelo faminto sem que a situação trágica do semelhante afecte a sua tranquilidade. Outros assacam a responsabilidade de todas as desgraças aos estadistas e descarregam assim as suas consciências da preocupação que tais factos lhes possam causar. Contudo, a verdade é que na sociedade todos têm igualmente direito à vida e somos solidàriamente responsáveis pela segurança dos cidadãos. Quando na nossa mesa partimos o pão que nos nutre, temos a certeza de que outros homens trabalharam com dedicação para que nos não faltasse o alimento. Esse alimento não é, portanto, só nosso. Todos têm direito a ele. Se por qualquer fatalidade o nosso semelhante não tem o pão de cada dia, temos o dever de o socorrer ou procurar minorar as circunstâncias que conduziram a essa deficiência.

O problema da mendicidade surge assim com um aspecto difícil. Existe o profissional da mendicidade. Aquele que, talvez em princípio por necessidade, se habituou a viver da caridade alheia e se desinteressou ele próprio de dar a sua contribuição pessoal para a produção que assegurará o sustento da grei. Tal indivíduo, se é válido e não produz, é um elemento pernicioso e devemos guardar-nos de fomentar o hábito da mendicidade, socorrendo os profissionais da esmola. Mas se alguém se acerca de nós e, realmente necessitado, solicita o nosso amparo, se um faminto nos pede de comer, nenhum Caminheiro tem o direito de voltar a cara e deixar de socorrer, porque isso faz parte da alta missão de Servir. Sobretudo, o Caminheiro deve ter a consciência de que a sua missão na sociedade será contribuir com o seu esforço para que reine o espírito de justiça e tais circunstâncias só sejam possíveis perante factos absolutamente anormais.

Mas, em face de uma situação real de aflição, todo o homem digno tem obrigação de dar a sua ajuda. A notícia que acima transcrevemos de «O Século» revela-nos uma tragédia pungente. Um pobre, um homem realmente necessitado, não encontra outro recurso para fazer face a uma situação aflitiva do que estender a mão à caridade. As portas fecham-se com um frio *tenha paciência* e o desgraçado, já sem paciência para arrastar o fardo da miséria, desesperado, deixa-se cair do alto de uma das escadas onde talvez o sentido de solidariedade humana era negligenciado. Quantas consciências teriam nesse momento sentido remorsos de não terem sabido compreender a angústia de quem lhes batia à porta?

Já alguém disse que em nenhuma outra parte se poderia viver tão isolado como numa grande cidade. É certo. Numa aldeia todos se conhecem e as aflições de cada habitante não podem passar despercebidas. Na cidade, todos somos estranhos, desconhecidos. Pode-se fàcilmente morrer de inanição sem que a ausência seja notada. Passam ao nosso lado, dia a dia, as maiores tragédias, mas ignoramo-las. Cultiva-se mesmo este desinteresse pelos problemas e necessidades do vizinho, partindo do princípio de que nada temos com vida do próximo, quando é certo que Jesus Cristo resumiu toda a vida cristã em «*Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos*». Será este o sentido que o Caminheiro terá da missão de servir, a necessidade de amar; amar a Deus sobre todas as coisas; amar o próximo como a si próprio. E se amarmos o próximo não podemos ignorar as necessidades daqueles que recorrem à nossa simpatia. Não podemos desinteressar-nos das aflições dos que nos rodeiam. Sobretudo, o Caminheiro e o Antigo Escoteiro não o poderão fazer, sem se sentirem responsáveis pela infelicidade dos desprotegidos.

LOBO VELHO

Uma interessante Operação de serviço realizada pelos Escoteiros da Cidade de São Paulo, no Brasil

O espírito de serviço está sendo cada vez mais fomentado nas associações escoteiras, que se preparam para colaborar com as populações em casos de emergência, tal como recentemente fizeram aos Escoteiros de Cuba.

Em São Paulo, 450 Escoteiros prestaram recentemente, num fim de semana, um interessante serviço à comunidade. Havendo necessidade de distribuir à população as novas listas telefónicas, os escoteiros tomaram esse encargo numa parte da cidade, tendo feito entrega de 18.000 listas. A «Operação» despertou grande interesse do público que elogiou a boa apresentação e cortesia do escoteiros, tendo o seu excelente trabalho servido de exemplo para os distribuidores profissionais que melhoraram grandemente o seu serviço.

Para evitar as gratificacões habituais nestes serviços, os escoteiros eram portadores de um Selo de Cooperação no Escotismo, selo que era adquirido pelas pessoas que desejavam colaborar no movimento.

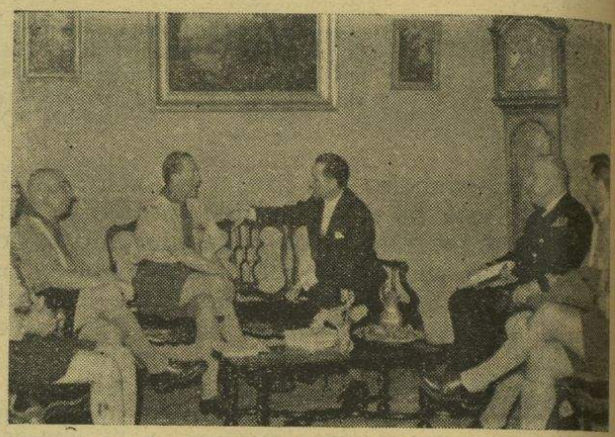
O serviço tinha sido prèviamente explicado aos escoteiros e a seus pais, tendo estes se interessado tanto pela Operação, que muitos colaboraram com os seus automóveis na distribuição.

Embora a finalidade da actividade fosse a de despertar o espírito de serviço, o resultado financeiro para o Movimento foi muito importante, tendo rendido elevada importância a venda de selos, que foi distribuída pelos Grupos e pela Região de São Paulo. Além disso, a União dos Escoteiros do Brasil recebeu ainda um cheque da Companhia dos Telefones.

ACTIVIDADES ESCOTEIRAS



Alguns dos Antigos Escoteiros e Esposas que tomaram parte no almoço comemorativo do 9.º aniversário da Fraternal.



O Ministro da Educação Nacional conversou animadamente com o General Spry, Director da Repartição Internacional de Escotismo.



O Ministro da Educação Nacional ofereceu um almoço ao General Spry, no qual tomaram parte dirigentes das duas associações escoteiras. Na gravura vêem-se à direita do sr. Prof. Dr. Francisco Leite Pinto, os srs. Comodoro Daniel Duarte Silva, General Spry, Sócrates da Costa, da M. P. e Vítor de Lima Santos. E à esquerda, os srs. D. Paulo de Lencastre, Comandante Henrique Tenreiro e Manuel Lopes Peixoto.



O General Daniel Spry foi recebido pelo Ministro da Presidência. Da esquerda para a direita vêem-se os srs. D. Paulo de Lencastre, Dr. José Francisco dos Santos e Vítor de Lima e Santos, da Junta Central do C. N. E.; General Spry, Prof. Dr. Teotónio Pereira, Comodoro Daniel Duarte Silva, Escoteiro-Chefe-Geral da A. E. P.



O sr. Comodoro Daniel Duarte Silva, escoteiro-chefe-geral dos Escoteiros de Portugal, discursa na reunião que o Director da Repartição de Escotismo teve com as direcções das duas associações escoteiras portuguesas.



O sr. Comandante Henrique Tenreiro, presidente dos Escoteiros de Portugal, cumprimenta o General Spry, depois de lhe ter colocado no peito a Medalha Lis de Prata com que foi agraciado.

A Visita do General Daniel Spry,

Director da Repartição Internacional de Escotismo

A chegada ao Aeroporto

O avião em que viajava o General Spry chegou ao Aeroporto de Lisboa às 1.30 horas da madrugada do dia 17. Apesar da hora tardia, o nosso ilustre visitante era aguardado por duas deputações de caminheiros da A.E.P. e do C.N.E., pelos secretários internacionais das duas associações, srs. Manuel Lopes Peixoto e Vítor Lima e Santos e os srs. Comandante Diogo Afonso, Luís Tovar de Lemos, Albano da Silva, Pedro Painho, respectivamente secretário geral, adjuntos do escoteiro-chefe-geral e chefe do núcleo de Lisboa da A.E.P., e ainda os srs. António Xavier de Brito, do Conselho Nacional da Fraternal dos Antigos Escoteiros; Daniel Correia, Vasco Antunes e Wolf Karl, membros da mesma. Encontravam-se ainda presentes os srs. D. Paulo de Lencastre, Dr. Sousa Dias, Padre João Ferreira, respectivamente chefe nacional adjunto, secretário geral e assistente nacional adjunto do C. N. E., bem como outros dirigentes das duas associações.

À sua chegada, o Director da Repartição Internacional recebeu os cumprimentos das duas associações e da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, dirigindo-se imediatamente para o Hotel.

Os Escoteiros de Portugal, o Corpo Nacional de Escutas e as Guias de Portugal concentraram-se na Escola Francisco Arruda para saudar o General Daniel Spry

Na quarta-feira à noite, a juventude escoteira concentrou-se no ginásio da Escola Francico Arruda para saudar o Director da Repartição Internacional de Escotismo. Na escada, Escoteiros de Portugal formavam a guarda de honra, sendo o sr. General Spry saudado ao entrar na sala pelos dirigentes das três associações. Viam-se presentes os srs. prof. Calvet de Magalhães, director daquela Escola; Ali Dandachi, Comissário dos Escoteiros da Síria; Comandante Henrique Tenreiro, Comodoro Daniel Duarte Silva, Manuel Lopes Peixoto, Comandante Diogo Afonso, respectivamente presidente, escoteiro-chefe-geral, secretário das relações internacionais e secretário geral da A.E.P.; e Eng.º D. José Paulo de Lencastre, Vítor de Lima e Santos, respectivamente chefe nacional adjunto e secretário das relações internacionais do C. N. E., bem como outros altos dirigentes das duas associações.

O Rev. Padre Pedro Gamboa o General Spry, lembrando-lhes o alto valor do seu cargo no Escotismo e recordando a importante missão da Repartição Internacional de Escotismo. Entoaram-se canções e lançaram-se gritos, depois do que o General Spry tomou a palavra e disse — dirigindo-se aos irmãos escoteiros e irmãs guias — que se alegrava muito em ver tantos escoteiros e tão bem fardados. O que está dentro do uniforme é, no entanto, muito mais importante. Contudo o uniforme ajuda a compreender o que está dentro.

Oito milhões de Escoteiros em 80 países, de Raças e Religiões diferentes

Referindo-se ao seu próprio uniforme esclareceu que era cinzento porque esta cor é diferente, é neutra o que significa que a sua missão no Escotismo era de neutralidade e de serviço aos oito milhões de rapazes escoteiros que existem no mundo. Muitos de vós, — continuou — estais muito ocupados nos vossos grupos, alcateias e clãs, e, talvez, não vos tendes apercebido de que pertenceis a uma organização muito mais vasta, que conta mais de oito milhões de membros em 80 países diferentes, de diferentes religiões, nacionalidades, que têm a pele de diferentes cores; altos, baixos, gordos, magros, mas que de facto têm muito em comum e pertencem à mesma fraternidade mundial. Quanto mais viajo — e tenho viajado 100.000 milhas anuais — mais verifico que as nossas semelhanças são mais do que as nossas diferenças. O denominador comum é a mesma Lei, a mesma Promessa, os mesmos ideais. Se aquele rapaz (apontando para um pequeno escoteiro) e eu próprio fizermos hoje cada um uma boa acção, significa que fizemos duas boas acções. Não quero atrapalhar-vos pedindo para que levantem o dedo aqueles que já fizeram hoje a boa acção. Mas ponho a pergunta à vossa consciência. Se algum ainda não a fez, que se não deite sem praticar a boa acção. (Mas agora não vão mudar os móveis lá em casa).

Se cada Escoteiro e cada Guia praticar diàriamente uma só Boa Acção teremos 12 milhões de Boas Acções. Uma grande soma de Bem dada ao Mundo pelo Movimento. Isto acontecerá se cada um de vós cada dia essa pequena soma de bem. Antes de adormecer, cada um de vós pense: — Fiz eu a boa acção de hoje? E sereis muito mais felizes se puderdes responder afirmativamente.

Ao terminar, o General Spry — que foi interpretado pelo sr. Lima e Santos — recebeu uma vibrante ovação de escoteiros, guias, e antigos escoteiros.

O General Spry foi condecorado pelo Escotismo Português

Depois dos escoteiros e guias terem entoado mais uma canção, tomou a palavra o sr. comandante Henrique Tenreiro, presidente dos Escoteiros de Portugal, que fez o elogio do General Spry, conforme discurso que noutro lugar publicamos. A terminar, o sr. Presidente dos Escoteiros de Portugal colocou no peito do nosso visitante a medalha de reconhecimento LIS DE PRATA, como homenagem pela sua obra pelo Escotismo Mundial.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. D. Paulo de Lencastre, chefe nacional adjunto do Corpo Nacional de Escutas, cujo discurso também publicamos noutro lugar, e que igualmente terminou colocando no peito do General Spry o COLAR DE NUNO ÁLVARES, a mais alta condecoração daquela associação.

Os Antigos Escoteiros também fizeram entrega de uma lembrança

Os antigos escoteiros representados pelos srs. Ernesto Clímaco do Nascimento e Vasco Antunes fizeram entrega ao Director da Repartição Internacional de uma bonita placa de prata com a insígnia da Fraternal e uma Dedicatória, que o General Spry agradeceu sensibilizado.

Aceito as condecorações não como Preito de Homenagem mas como lembrança daquilo que o Escotismo Português tem feito pelo Movimento

O General Spry voltou então a usar da palavra dizendo que todas as pessoas que tomem parte num Fogo de Conselho ou numa festa de escoteiros devem contribuir com alguma coisa para a festa, mas ele, até então, só tinha recebido coisas. A primeira coisa que ele tinha a fazer era agradecer as condecorações com que o tinham distinguido, pelas quais se encontrava muito sensibilizado. Aceitava-as, no entanto, não como preito de homenagem, que não merecia, mas como lembrança daquilo que o Escotismo Português tem feito pelo Movimento.

Como contribuição para a festa, disse que ia ensinar uma coisa. Seria uma oportunidade para fazer barulho. E comentou com espírito: — É possível que os chefes mais velhos não apreciem o barulho, mas vocês, os novos, não pensam da mesma maneira. Como sabem eu sou canadiano, e nos portos do meu país surgem com frequência barcos de guerra e de pesca portugueses. Mas des-

(Conclui na página 11)

Discurso com que o Sr. Comandante Henrique Tenreiro, Presidente dos Escoteiros de Portugal, saudou o General Spry

Na qualidade de presidente da direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal, é com vivo prazer, dificilmente traduzível em palavras, que nesta reunião tenho oportunidade de homenagear uma figura prestigiosa de militar e de escoteiro.

Poucas vezes como hoje, à Associação que dirijo, se terá proporcionado uma oportunidade tão rica de simbolismo e tão grande no seu significado como esta em que a presença do Sr. General Spry vem emprestar um sentimento muito especial a esta festa de escoteiros.

Recordo-me perfeitamente, ao longo da história do movimento, que um colega meu, o Comandante Álvaro de Melo Machado, em hora muito feliz deu início em terras de Portugal, recordo-me, dizia eu, das visitas com que o insigne educador e glorioso General Baden-Powell nos honrou em dois momentos da sua genial carreira de Escoteiro Chefe Mundial, e na minha memória ocorrem, com uma nitidez que os tempos jamais hão-de conseguir apagar, o entusiasmo que a presença do Fundador suscitou na alma da juventude escotista de Portugal e no coração daqueles que tiveram o privilégio de contactar com essa extraordinária figura de educador e de homem de acção.

Pois, apesar do que, para nós, Escoteiros, representam esses inolvidáveis passos do Escotismo Português, apesar do significado que envolveu essa visita tão honrosa, apesar do incentivo que ela teve o condão de despertar em nós, desejo afirmar convictamente que considero a vinda a Portugal do sr. General Spry uma sequência lógica dessas jornadas grandes do historial do nosso Movimento.

Homem de carácter impoluto e de rara distinção, vulto de militar garboso e audaz, escoteiro de uma dedicação que não conhece limites, o general Spry é credor de todo o nosso apreço pela abnegação com que se entrega ao culto dos seus ideais, pela forma como encarna as virtudes do movimento, que o levam a renunciar a uma carreira de oficial distintíssimo, que lhe proporcionaria uma situação inexcedível de privilégios e garantias e onde se vislumbravam já as mais sedutoras perspectivas, a fim de poder realizar a sua grande vocação, vocação sublime, sim, mas de muito menor projecção no conspecto social, a vocação de servir — servir o próximo, servir a juventude, servir o escotismo.

Esta atitude de autêntico herói, este gesto de verdadeiro desprendimento pelas benesses materiais, tornam o nosso ilustre visitante um perfeito continuador de Baden-Powell e justificam plenamente o lugar preponderante que ocupa dentro do escotismo mundial.

Felicito-me, pois, vivamente por esta oportunidade tão fora de comum em que me é dado o inefável prazer de ver reunidas as duas Associações, para prestar esta sincera homenagem ao hóspede que nos honra com a sua presença, homenagem que, de modo algum, se pode situar entre as que as meras formalidades protocolares impõem, mas se conta entre aquelas que são exigidas por uma genuína manifestação de apreço e de amizade por um homem a quem as mais altas qualidades exornam, e que nós, escoteiros, dentro da verdade dos nossos princípios e da claridade das nossas intenções, não podemos deixar de enaltecer e realçar.

São estes os imperativos de ordem moral e espiritual que fazem com que eu, nas atribuições do cargo que ocupo dentro da mais velha Associação escotista de Portugal, tenha o grato prazer e o raro privilégio de colocar a mais alta condecoração dos Escoteiros de Portugal no peito de um homem onde cintilam já tantos emblemas reveladores do apreço em que as suas invulgares qualidades são tidas.

Na altura em que lhe rendemos o preito da nossa muita admiração, não queremos deixar de exprimir os nossos ardentes votos de que a sua carreira, já recheada de êxitos sem conta, possa prolongar-se por muitas diuturnidades, a bem do escotismo que todos nós servimos e que V. Ex.ª honra com o prestígio das suas excelsas virtudes de escoteiro e de homem de acção.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

A Conferência de Imprensa

No Hotel Tivoli, o General Spry recebeu a Imprensa e a Rádio. Estavam presentes muitos dirigentes superiores das duas associações escoteiras e das guias. O Director da Repartição Internacional começou por saudar os jornalistas presentes e informou que o Escotismo Mundial possuía uma organização semelhante à O. N. U. Tinha uma Conferência Internacional que reunia de dois em dois anos com representantes de todas as associações nacionais. Nos intervalos destas Conferências, a execução das resoluções tomadas e a solução dos problemas que vão surgindo compete à Repartição Internacional de que presentemente é Director.

Além disso, em diversas zonas do Mundo existem Comissários Viajantes que de colaboração com aquela Repartição visitam os países das suas regiões, dando conselhos, auxiliando na solução dos problemas, ocupando-se da formação de chefes e orientação dos campos-escolas. No Extremo Oriente há 4 comissários permanentes, em Havana dois, que se dedicam às Américas Central e do Sul, e no Próximo Oriente há um, o sr. Ali Dandachi, que se encontrava presente na sala e viera a Lisboa para trocar impressões com o General Spry e estabelecer planos para o desenvolvimento do Escotismo naquela zona.

Disse ainda que chegara de madrugada de África, onde visitara diversos países e trocara impressões com dirigentes escoteiros. Explicou que aquela zona estava passando por profundas transformações, pelo que as suas conferências tiveram em vista coordenar o Movimento na região ao sul do Saará e na África do Sul, de forma a que possa fazer face às mudanças políticas que porventura ocorram naquela região.

Depois das reuniões de Lisboa, o General Spry dirigir-se-á a Paris, onde se realizará uma reunião dos Comissários Internacionais da Europa e, depois, a Cuba, onde terá uma conferência com os membros da Comissão Interamericana de Escotismo, com vista a estudar os planos do Movimento na América Latina e Central.

«O Escotismo não é uma organização política — disse — tem por fim a educação da juventude, mas tem de fazer face às transições políticas». Algumas colónias tem evoluído para países independentes, o

Discurso do Sr. D. José Paulo de Lencastre, Chefe Nacional Adjunto do C. N. E.

SAUDAÇÃO

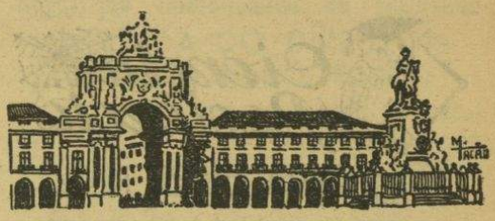
General Spry, mui digno Director do «Boy Scouts International Bureau»:

Cabe-me a subida honra de ser eu a apresentar-lhe as mais calorosas, amigas e fraternais saudações do Corpo Nacional de Escutas, representando meu Pai, Chefe Nacional — que muito lamenta não lhe ter sido possível estar presente — e falando em nome dos dirigentes e dos cinco milhares de escoteiros do nosso Movimento espalhados pela Metrópole, Ilhas Adjacentes e Ultramar Português. — Na sua pessoa saudamos o esclarecido Director do «Bureau Internacional» e todos os seus directos colaboradores, em preito de homenagem e de submissão hierárquica e ainda de reconhecimento pela superior acção directiva que exercem em relação ao Movimento Escotista nos Cinco Continentes. — É com viva satisfação que o vemos entre nós e em terra portuguesa, proporcionando-nos a sua presença a natural alegria com que se festeja em família a chegada do «irmão mais velho» em autoridade, satisfação a que os atributos de agrado e de simpatia pessoal emprestam particular realce. Tiveram já os Escoteiros portugueses o gosto de o receberem em Portugal e nesta Lisboa, em 1950, por ocasião do II «Get Toghether» e da Reunião do Comité Internacional; temos, nesta altura, o prazer de, novamente, o receber no nosso País, agora já no desempenho das altas funções de Director do «Bureau» Internacional, sucedendo ao Coronel Wilson, bom amigo do Escotismo Português. Decorreram depressa os momentos de agradável e proveitoso convívio e já vamos formulando votos para que dentro em breve o possamos ver de novo em Portugal, se possível, com mais demora para que muitos daqueles que aqui representamos nesta memorável concentração escotista possam beneficiar, eles também, do prazer e da honra que ora nós estamos usufruindo.

Acabamos de ouvir com particular emoção e sentido da responsabilidade a autorizada Mensagem dirigida ao Escotismo Português. Tomá-la-emos como especial imperativo, sinceramente aceite, para — todos e cada um no seu sector — redobramos esforços no sentido de que o nosso Movimento, como cruzada de Ideal, se aperfeiçoe e multiplique, produzindo em nós e dentro da sociedade que nos rodeia toda a potencialidade de virtudes de que é capaz. Conturbado é, sem dúvida, o momento histórico que vivemos, em que uma onda pesada e fria, de egoísmo e materialismo, parece querer avassalar o mundo. E fala-se por toda a parte em crise de juventude, esquecendo-se que, a-pesar-de tudo o que se tem feito em desfavor da mesma juventude, nela continua a residir — embora tantas vezes apenas em potência porque os métodos usados não têm permitido que tais virtudes se revelem — o manancial infindo da lealdade e da generosidade, do sacrifício e da audácia, capaz de desenvolver o fermento salutar que volte a face da terra. Crise da juventude e por que não, antes, falta de princípios sobrenaturais e tantas vezes, crise de métodos educacionais na família e na sociedade? — E como é impressionante e consolador verificar que, volvidos 51 anos — período assinalado por tantas e variadas mutações onde avultam os entrechoques de diferenças sociais, problemas de raça ou cor—o Movimento Escotista continua pleno de propriedade e eficácia tanto para a Europa como para a América, Ásia, África ou Oceânia.

Sabendo dar ao rapaz o autêntico «Escotismo para Rapazes» — saído do génio inspirado de Baden-Powell — bem nos desempenharemos dos nossos deveres para com Deus e para com a sociedade, seremos efectivamente homens do nosso tempo, portugueses do nosso tempo. Com efeito, através do Escotismo, exercitando-nos na valorização própria, vamos valorizando a juventude e a sociedade portuguesa — desde a Metrópole aos confins do nosso Ultramar — e, através de sentido da fraternidade universal do Escotismo, estaremos dando o melhor contributo para a aproximação de povos e civilizações — o que mais não é, afinal do que, como portugueses, darmos continuidade àquela cristã tradição recebida de nossos antepassados.

Numa palavra, praticar bom Escotismo! continuará a ser, General Spry, o propósito firme do Corpo Nacional de Escutas. E a sua vinda



O ESCOTISMO NA CAPITAL

Grupo n.º 8—Pedro Álvares Cabral

Este grupo promoveu na sua sede, na rua Febo Moniz, uma interessante sessão escoteira, a que presidiu o pastor Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos, ladeado pelos srs. presbítero Ladislau Pinheiro, delegado da direcção do grupo; dr. Eugénio Henrique Ramos, Eduardo Quintino Pinheiro, da direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros, e o director do «Sempre Pronto».

Depois do Escoteiro-Chefe Idílio Gonçalves ter dito dos fins da reunião e saudado os membros da mesa, o sr. Quintino Pinheiro apresentou o sr. dr. Henrique Ramos, convidado para falar sobre «O Escotismo— suas bases e objectivos». O orador começou por explicar o que era o Escotismo, citando a definição. «É uma organização prática para a educação integral da personalidade humana e orientada para a acção social». Definiu o que era organização e o que significava educação.

As bases do Escotismo eram constituídas pela Lei, Promessa e Sistema de Patrulhas, explicando com muita clareza a função de cada uma no método educativo do Escotismo. As suas finalidades: Estimular o espírito de iniciativa, o desenvolvimento do sentido de responsabilidade, a criação de laços morais e de solidariedade humana.

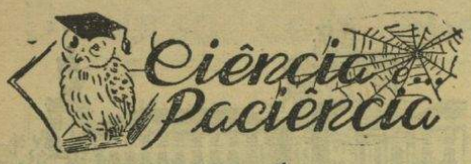
Falando no Escotismo como método educativo, explicou o que era método, dizendo que no escotismo este tinha em vista: Separar as dificuldades para as resolver separadamente, reduzir as tarefas às capacidades do rapaz, manter o interesse permanente do rapaz através de um constante imprevisto de acontecimentos, habituá-lo a transformar as dificuldades em motivos de prazer.

Terminou formulando o voto de que as suas palavras pudessem ter servido para uma melhor compreensão do Escotismo. Dirigindo-se aos escoteiros, disse-lhes que poderia ter sido escutado com muito interesse, mas as suas palavras só teriam realmente valor se os actos dos escoteiros as confirmassem.

O Escoteiro-Chefe leu seguidamente a Ordem de Serviço, admitindo à prestação do Compromisso de Honra os novos escoteiros Raul Mendes de Oliveira, Marcelino José Coelho Pires, João Lopes Gaspar e João José Ferreira Nunes. O Director do «Sempre Pronto» dirigiu palavras de estímulo aos novos escoteiros, depois do que o Chefe do Grupo lhes recebeu a Promessa, tendo o sr. dr. Eugénio Ramos colocado no peito de cada um deles a insígnia dos Escoteiros de Portugal. O Escoteiro-Chefe apresentou agradecimentos ao dedicado amigo do grupo sr. Manuel da Costa Abreu, que uniformizou dois escoteiros, de quem a sua Esposa foi madrinha.

O Guia da Patrulha Tigre recebeu das mãos do sr. Quintino Pinheiro a Taça do «Concurso Reverendo Wright», ganha, pela segunda vez, no último trimestre de 1959.

Terminou a sessão o Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos, que disse desejar a repetição de mais reuniões desta natureza para que todos tenham conhecimento do valor do Escotismo e felicitou o sr. dr. Eugénio Ramos pela esclarecedora palestra que lhes trouxera. Disse ainda que se vive apreensivo quanto à maneira como a juventude se está desenvolvendo nos dias de hoje. Sentimos como que uma fuga da adolescência para licenciosidade, parecendo caminhar



PROBLEMA DIFÍCIL N.º 4

O terreno do Tio Zé

A divisão das propriedades dá por vezes formas bizarras aos terrenos. É o caso dum terreno que possuía o Tio Zé. O terreno tinha quatro lados em linhas rectas Dois destes lados eram iguais e paralelos. Ora o terreno não tinha a forma de um paralelogramo, (menos ainda de um quadrado, rectângulo ou losango) nem do trapézio vulgar. Que forma tinha então o terreno do Tio Zé?

Solução do Problema n.3

O número em questão é 142857 e o seu triplo 428571. Basta reconstituir a multiplicação por 3. É preciso 1 nas unidades, procuramos o primeiro múltiplo de 3 terminado em 1; é 21, então o algarismo é 7. Tendo 2 de resto o múltiplo seguinte deve terminar em 5; é então 15 e o algarismo é 5. É preciso agora 5 com 1 de resto, então 4. O múltiplo é 24 e o algarismo 8 e assim de seguida.

* * *

Mandaram-nos a solução certa os nossos estimados leitores srs. António Encarnação Amêndoa, José Alves Figueira Guerreiro, José Manuel de Jesus Fernandes e João Margarido P. Reis, que marcaram os 5 pontos do regulamento.

CONCURSO DE 1959

Iniciámos em Janeiro o concurso de 1959, é que regido pelas mesmas regras do concurso do ano findo ou sejam:

1 — Os Concorrentes que nos enviem a solução certa de cada problema e nos indiquem a forma como conseguiram esse resultado marcarão 5 pontos.

2 — Marcarão 1 ponto de presença os Concorrentes que não acertarem na solução.

3 — Os Concorrentes que nos tenham enviado problemas para publicação, se estes forem publicados, marcarão os 5 pontos, visto ficarem impossibilitados de concorrer.

4 — As respostas deverão estar na nossa Redacção 15 dias após a publicação do jornal, para os assinantes do Continente e Espanha; 30 dias para os assinantes das Ilhas Adjacentes e 45 dias para os das províncias ultramarinas.

5 — Haverá um 1.º prémio para todos os concorrentes que obtenham o número máximo de pontos ou seja que acertem em todas as soluções.

6 — Haverá um 2.º prémio para todos os concorrentes que obtenham 2/3 do número máximo de pontos.

7 — Todos os prémios serão constituídos por livros.

Luís Ferreira

Em 5 de Abril corrente, faleceu em Lisboa, após curta doença, o nossso amigo e prestigioso jornalista sr. Luís Ferreira, há muitos anos director do «*Pim-Pam-Pum*», suplemento infantil do diário «O Século», onde o seu nome se notabilizou entre a pequenada com a simpática designação de «Tio Luís».

De uma actividade intensa no jornalismo, Luís Ferreira encontrava ainda tempo para se dedicar às crianças, atendendo inúmeras cartas dirigidas ao «Tio Luís», promovendo emissões infantis, amando os pequenitos. Sobretudo, a sua acção no «*Pim-Pam-Pum*» é digna do maior apreço pelo cunho profundamente educativo que soube imprimir àquele suplemento. Enquanto muitas revistas infantis enveredavam pelo caminho fácil das historietas de quadradinhos de cunho aventureiro e desmoralizador, «*Pim-Pam-Pum*» mantinha uma orientação equilibrada, imprimindo às suas histórias um sentido cultural e formativo de personalidades, verdadeiramente educativo.

Todos os que no «Sempre Pronto» se dedicam igualmente a uma tarefa educativa, prestam a sua homenagem ao saudoso jornalista, apresentando sentidas condolências a sua família.

Escoteiro-Chefe Jacinto dos Reis Moniz Silva

Este nosso dedicado colaborador, Delegado do "Sempre Pronto„ nos Açores, esteve em Março passado de visita aos Estados Unidos da América do Norte, de onde teve a amabilidade de saudar os seus camaradas do "Sempre Pronto„. Desejamos que tenha tido uma feliz viagem de regresso a Angra do Heroísmo.

A Conferência de Imprensa

(Conclusão da página 8)

que cria oportunidades admiráveis para o Escotismo na preparação da sua juventude para que possa assumir as responsabilidades dos seus jovens países.

Destas transformações tem resultado o aumento de associações nacionais membros da Conferência Internacional e multiplica os problemas a que a Repartição tem de atender, o que exige uma mais estreita colaboração.

A Repartição Internacional é constituída por Comissários de diferentes Raças e Credos

Os membros da Repartição com o seu fardamento cinzento, que é uma cor neutra, são bem recebidos em toda a parte como membros neutros do Escotismo Mundial, sendo bem aceites os seus conselhos e colaboração.

Os respectivos 13 comissários membros são naturais de dez países diferentes, têm de viajar muito para estar em contacto com todos, pertencem a raças e religiões diferentes e ENTENDEM-SE TODOS MUITO BEM.

Terminou declarando que tinha muito prazer em estar de novo em Lisboa, cidade que visitara em 1950, e lamentava não poder ficar aqui mais alguns dias, pois Lisboa é uma das cidades mais agradáveis para se estar.

Alguns jornalistas fizeram perguntas a que o General respondeu afectuosamente. Interrogado acerca da finalidade de sua visita a Lisboa, disse que desejava visitar o Escotismo Português, trocar impressões e estabelecer planos para o futuro.

Tomou depois a palavra o sr. dr. Cortês Pinto, que teceu oportunas considerações, afirmando que o Escotismo tem hoje um importante papel na vida social do mundo. A juventude tem tendência para se apaixonar pelos problemas e neste momento há muitos problemas nacionais e internacionais.

O maior acto de coragem e de força que a juventude pode praticar é manter-se calma e serena no meio da agitação. Este, é sem dúvida, o maior serviço que o Escotismo pode prestar à sociedade.

O Director da Repartição Internacional ilustrou as palavras do sr. dr. Cortês Pinto, descrevendo o extraordinário papel que o Escotismo desempenhou em Cuba por ocasião dos recentes acontecimentos revolucionários, factos que são já do conhecimento dos nossos de-

SAUDAÇÃO

(Conclusão da página 9)

até nós e a Mensagem que nos deixa ficarão a marcar no nosso caminho como mais um forte e seguro incentivo.

* * *

Permita-me agora, General Spry, que lhe coloque ao peito o Colar de Nun'Álvares, condecoração que, como prerogativa do Chefe Nacional, lhe foi conferida; representa uma sincera homenagem do Corpo Nacional de Escutas.

A Cruz de Aviz, com remates em flor de lis, é símbolo heráldico que nos evoca o grande português D. Nuno Álvares Pereira, Condestável do Reino, Herói e Santo — Patrono Nacional do Corpo Nacional de Escutas.

Corresponde esta condecoração à mais alta recompensa e distinção concedida pelo nosso Movimento e destina-se a premiar os serviços extraordinários e relevantes prestados, neste caso, ao Escotismo Mundial.

É com viva satisfação que o Corpo Nacional de Escutas faz a entrega da sua mais alta condecoração — o colar de Nun'Álvares — ao

A VISITA DO GENERAL SPRY

(Conclusão da página 7)

de há muitos anos que os navegadores portugueses vão às costas canadianas. Há muitos anos existia aqui nas terras portuguesas um grande gigante, que quando estava frio, constipava-se e espirrava. Pois eu vou ensinar a repetir o espirro desse grande gigante.

Dividiu então a sala em quatro partes. O primeiro grupo gritaria *ôatchie*, o segundo *ôotchie*, o terceiro *uutchie* e o último *raitchier*, todos ao mesmo tempo. Primeiro, contudo, fariam a inspiração do espirro acompanhando o movimento de levantar dos braços: *úúúúú* — *úúúúú* — *úúúúú* — e, então, ao baixar dos braços o rebentar do espirro. Os escoteiros e as guias repetiram com entusiasmo este grito diversas vezes, com ritmos diferentes, exteriorizando o seu contentamento. Damos a explicação tão pormenorizada para que os escoteiros de outras partes do país possam experimentar o grito, que tem realmente muita graça.

O General Spry foi largamente ovacionado por toda a juventude escoteira e a festa terminou com o hino nacional entoado por toda a assistência.

A Partida

O nosso visitante partiu do Aeroporto de Lisboa a caminho de Paris, na quinta-feira, dia 19 de Março, às 15.30 h. Estiveram ali a apresentar as suas despedidas, em nome das duas associações, os respectivos secretários internacionais, e os srs. Luís Tovar de Lemos, D. Paulo de Lencastre, D. Maria João Moniz Galvão, Wolfgang Karl e Daniel Correia, este dois dos Antigos Escoteiros. Também ali compareceu o sr. Ali el Dandachi, comissário executivo para a região árabe. Em nome do «Sempre Pronto» e do seu Director apresentou cumprimentos de despedida o nosso redactor sr. José Eduardo Pena Ribeiro.

A VISITA DO GENERAL SPRY à Sede do Grupo n.º 5

Depois de ter visitado a sede do Grupo n.º 60 do C.N.E., o General Spry e o Comissário Sírio Ali Dandachi visitaram à tarde o Grupo n. 5, fazendo-se acompanhar dos srs. Manuel Lopes Peixoto secretário das relações internacionais; Luís Grau Tovar de Lemos, adjunto do escoteiro-chefe-geral; Dr. Sousa Dias, secretário geral do C.N.E.; Eng.º José Maria Nobre Santos, Fernando de Carvalho e Wolfgang Karl. Na sede do Grupo 5, aguardavam o ilustre visitante o chefe do grupo, sr. Mário Fernandes, diversos escoteiros e caminheiros, e o director do "Sempre Pronto„.

O General Spry percorreu com muito interesse as instalações daquela unidade, admirou os trabalhos e as decorações de feição escoteira, interessou-se pelo friso das fotografias de todos os presidentes dos Escoteiros de Portugal, e demorou-se a admirar o artístico busto de Baden-Powell, obra do caminheiro Manuel Celso, trabalho notável e rico de expressão.

O Director da Repartição Internacional cumprimentou cada um dos escoteiros do grupo, dirigindo-lhes depois a palavra para os felicitar pela interessante sede que possuem e disse que se deviam sentir felizes de possuírem uma sede para as suas actividades. Na sua viagem por África, tinha visitado grupos que nem sede tinham. Ainda na semana anterior tomara parte na reunião de um Grupo debaixo de uma grande árvore, local onde habitualmente se juntavam.

Animou-os a trabalhar com afinco pelo desenvolvimento da sua unidade e pela conquista de provas de classe e aptidões, que em breve deveriam brilhar nos seus braços.

O Chefe Mário Fernandes agradeceu as palavras do sr. Director da Repartição Internacional, desejando-lhe as maiores felicidades e as felicidades de cada membro do Escotismo Mundial. O Grupo 5 entoou algumas canções e gritos, depois do que o General Spry lhes ensinou também um grito que aprendera recentemente em África e que constava de um grito inicial do chefe — *táca táca táca* — a que os escoteiros respondiam — *xiávum* (prolongado).—Estes gritos iniciavam-se com intensidade e iam diminuindo até quase à surdina, terminando com um grito forte do chefe — *rrrrrrrrrrrre!*

Depois disto, o visitante retirou-se despedindo-se afectuosamente de todos.

Repartição Internacional do Escotismo

«AGENDA DO DIRECTOR»

OPERAÇÃO «SEMPRE PRONTO»

Como sabem os nossos leitores, no decorrer da recente revolução de Cuba, os escoteiros prestaram excelentes serviços públicos. Os escoteiros de Cuba foram capazes de proceder assim graças aos serviços centrais que tinham preparado o plano «Sempre Pronto», muito tempo antes dos acontecimentos se produzirem. Disto resultou que cada Escoteiro e Chefe esteve apto a usar o melhor dos seus esforços ao serviço do público em geral.

Tem a sua Associação um plano semelhante que lhe permita estar preparada para prestar serviço urgente em caso de emergência nacional ou local?

J. C. SPRY

• • o • •

O Escotismo na Capital

(Conclusão da página 9)

para um declive que pode levar à ruína moral, o que nos faz recear pelo futuro do mundo, visto que os adolescentes de hoje serão os homens de amanhã. Via por isso com muita simpatia o esforço e acção do movimento escoteiro.

A sessão terminou com uma exibição de filmes, um deles escoteiro, gentilmente cedidos pelos serviços da Embaixada Britânica.

O QUE VAI PELO MUNDO...

O novo «Rotodyne»

O «Rotodyne» é um helicóptero para transporte de passageiros que é conhecido nos Estados Unidos pelo «avião de transporte que descola na vertical».

No entanto, é construído em Inglaterra pela companhia — Fairey — que construiu o avião em que Gago Coutinho e Sacadura Cabral atravessaram o Atlântico.

Esta companhia lançou agora o novo «Rotodyne» com motor a turbinas «Tyne», desenvolvendo uma potência de 5.000 CV.

Pode transportar 57 passageiros, (em vez dos 48 do modelo em uso) desenvolve uma velocidade superior a 300 Km. à hora, num raio de acção de 400 Km.

Uma companhia americana de transportes aéreos já encomendou 5 dos novos «Rotodynes» e adquiriu a opção para mais 15.

Pronto-socorro para «scooters» nas estradas da Grã-Bretanha

A Associação dos Automobilistas vai adquirir uns atrelados ligeiros que, quando não estão em uso, se dobram e guardam na parte detrás de um Land Rover.

Desta forma os carros de pronto socorro, com este acessório, podem rebocar qualquer «scooter» que fique empanado na estrada.

A Associação tomou esta iniciativa porque, em Inglaterra, como de resto em quase todos os países da Europa, o número de «scooters» aumenta substancialmente, de dia para dia. Além disso, todos os dias desembarcam em Inglaterra turistas que trazem os seus «scooters», e desejam circular livremente nas estradas inglesas, com a certeza de que, se empanarem na estrada, o pronto-socorro da Associação os livrará de embaraços.

Desenvolvimento muscular pela bicicleta

Com os nomes de OSCAR I e OSCAR II estão a ser fabricadas em Inglaterra, duas bicicletas estáticas para tratamentos ortopédicos. A maior—OSCAR I—destina-se a adultos e adolescentes. É do formato duma bicicleta apoiada em quatro pernas tubulares com bases circulares. A resistência é dada por um travão com forro especial, aplicado ao cubo da roda e regulado por manípulos. Está equipada com um mostrador de velocidade e conta quilómetros capazes de registarem velocidades de 40 milhas horárias e distâncias até 10.000 milhas.

A menor — OSCAR II — é semelhante à outra mas apropriada para crianças de 3 a 9 anos.

Ambas as máquinas mereceram a aprovação do Departamento de Fisioterápia Britânico e foram consideradas como muito úteis na reeducação muscular após certas doenças incluindo a poliomielite.

PROVAS DE 1.ª CLASSE

Prova de Exploração

PELO ENG.º JOSÉ MARIA NOBRE SANTOS
Ex-Escoteiro-Chefe-Geral

(Continuação do número anterior)

das águas do mar, medida na vertical que passa por esse ponto (fig. B). No caso do ponto A, a cota é a distância **a** de A a A'; para o ponto B é a distância **b** de B a B'.

Curva de nível é uma linha formada pelos pontos que estão ao lado uns dos outros e têm a mesma cota (fig. C). Nas cartas topográficas traçam-se sòmente algumas curvas de nível, geralmente à mesma distância umas das outras e para pontos com cotas iguais a um certo número inteiro de metros (5, 10, 15, 20 por exemplo).

A distância, sempre a mesma, que separa as curvas de

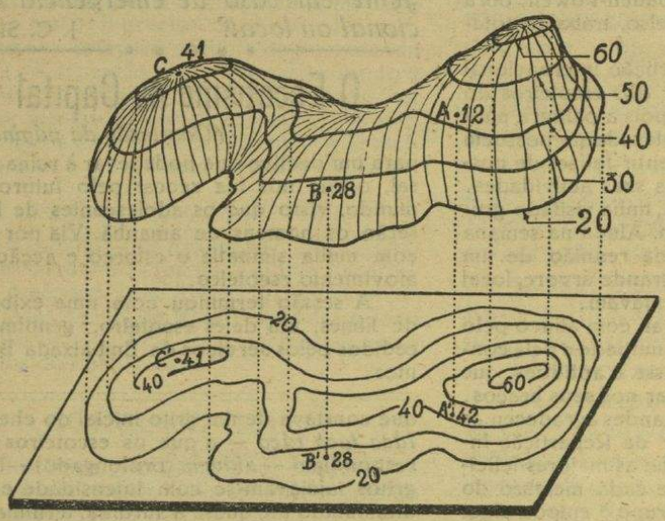


FIG. C

N. B.—No centro da parte superior do desenho onde se vê A-12 deve ler-se A-42.

nível chama-se **equidistância** e como é óbvio ela é variável de carta para carta, pois a sua escolha depende de vários factores, entre os quais a própria escala.

A equidistância ou vem indicada na legenda da carta ou então pode ser por nós deduzida, ou a partir dos pontos cotados que aparecem próximos ou pela leitura das cotas que algumas das curvas de nível costumam trazer.

As curvas de nível são traçadas tendo em atenção, sempre que possível, que o terreno entre elas, sobe ou desce uniformemente; se tal uniformidade não se verifica existirá na carta qualquer indicação : pontos cotados ou indicação de morros ou escarpas.

Deste modo, se quisermos achar a cota dum ponto intermédio, poderá estabelecer-se a seguinte proporção (ver fig. D).

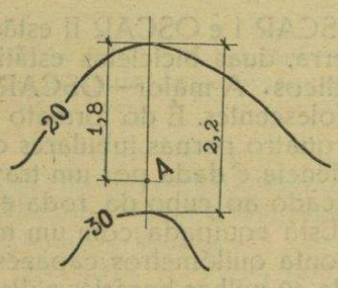


FIG. D

$$\frac{30-20}{2,2}=\frac{x}{1,8}$$

$$x=\frac{(30-20)\times 1,8}{2,2}=\frac{10\times 1,8}{2,2}$$

$$x=\frac{18}{2,2}=8,18^{m}$$

A cota do ponto A será $= 20 + 8,18 = 28,18^{m}$ com a indicação dada pelas cotas e curvas de nível é fácil ver se uma estrada sobe ou desce e, com um pouco mais de cuidado e trabalho, poderá traçar-se uma linha que represente, com certo rigor, essas subidas e descidas da estrada ou terreno, ou seja, desenhar o seu perfil longitudinal.

e) Classificação das cartas topográficas

Correntemente designam-se por:

Mapas — Os desenhos topográficos que representam grandes extensões de terreno — um país, um continente ou o globo terrestre. Como as dimensões destes desenhos não podem ser muito grandes a escala usada é *muito grande* para se obter uma *grande redução* e ser *pequeno o desenho*, mas o pormenor da representação é, também, pequeno (escalas variando aproximadamente de 1:500.000 a 1:1.000.000.000).

Carta (ou **Carta Topográfica**) — Abrange menor porção de terreno que o mapa mas, contudo, ainda de certa vastidão, um país, por exemplo. Normalmente são divididas em várias folhas para que seja mais fácil lidar com elas (escalas variando aproximadamente entre 1:10.000 e 1:500.000).

Planta — Representa uma porção mais ou menos reduzida de terreno (a área duma cidade ou vila, por exemplo). A pormenorização é já bastante grande e normalmente não tem elementos de altimetria. (Escalas de aproximadamente 1:100 a 1:10.000.—As escalas inferiores a 1:50 ou 1:20 já são consideradas de pormenorização de locais, edifícios ou objectos).

f) Coordenadas terrestres

Se considerarmos a esfera terrestre dividida em fatias passando pelos Polos, Norte e Sul (P.N. e P.S.) cada uma dessas linhas é um **Meridiano**. Os meridianos indicam o Norte-Sul e estão no enfiamento um dos outros indo do Sul para Norte. Do mesmo modo, as fatias que cortam a Terra em planos perpendiculares ao seu eixo e sempre paralelos uns aos outros, são chamados os **Paralelos**; o maior deles é o Equador. (Fig. E).

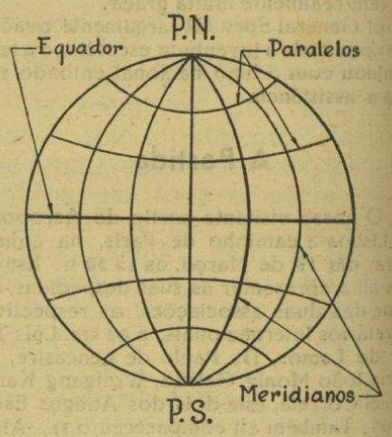


FIG. E

Por cada ponto da Terra passa um Meridiano e um Paralelo e por isso se pensou arranjar uma maneira de referenciar que permitisse localizar ou identificar um qualquer ponto. Daí aparecerem as duas medições: **latitude dum lugar L** que é a distância medida em graus de circunferência (ou ângulo) do arco do meridiano, que vai do ponto ao equador (fig. F); e **longitude dum lugar L** que é a distância, medida com as mesmas unidades da anterior, sobre o arco do paralelo, que vai do ponto ao Meridiano de referência (fig. G).

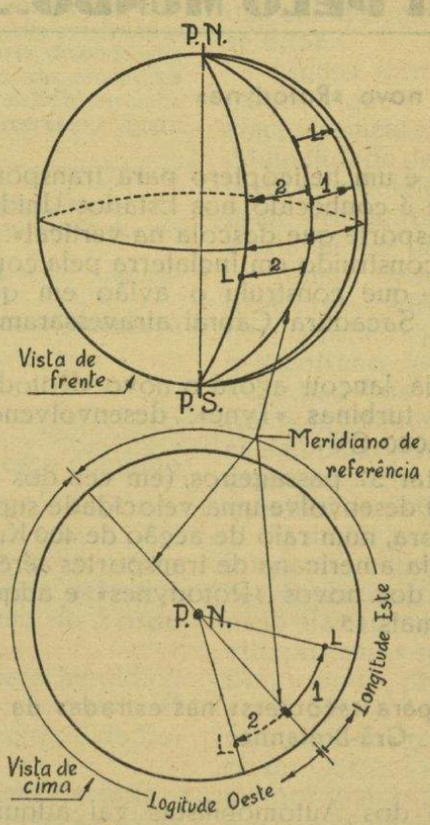


FIG. F

A Latitude e a Longitude designam-se, em conjunto, como **coordenadas terrestres ou geográficas.**

Como as figuras indicam há latitudes Norte ou Sul que vão, uma e outra de 0º a 90º; idênticamente há longitudes Este ou Oeste que vão, uma ou outra de 0º a 180º.

Para as latitudes o paralelo de referência é sempre o Equador; para as lon-

(Continua na página seguinte)

Prova de Exploração

(Continuação da página anterior)

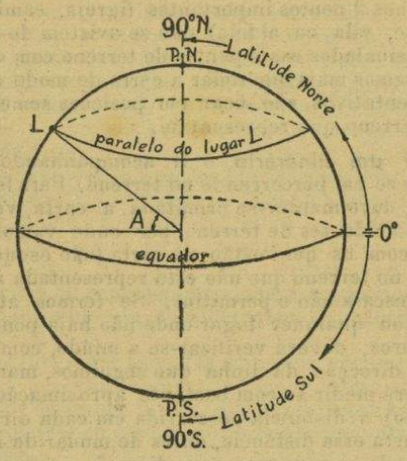


FIG. G

gitudes há vários meridianos que se tomam como ponto de partida das medições — o internacionalmente mais usado é o que passa pelo Observatório de Greenwich (pequena localidade próximo de Londres, em Inglaterra). Cada país, costuma usar nas suas cartas um meridiano próprio para referenciar as suas longitudes: assim nas cartas portuguesas têm sido adoptados os meridianos dos observatórios do Castelo de São Jorge (em Lisboa) e noutras da Tapada da Ajuda.

Assim, consultando qualquer carta que traga essas indicações poderemos ver que:

O Castelo de S. Jorge tem:

Latitude N. = 38° 42' 43''
Longitude... = 0° em relação a si mesmo
Longitude W. = 9° 5' 56'' em relação a Greenwich.

Além deste sistema de coordenadas, é muito corrente o uso das **coordenadas métricas.** Neste caso as distâncias medem-se (fig. H) como unidades métricas (quilómetros e metros) e na perpendicular (e não segundo os meridianos e paralelos) em relação a um meridiano (ON) e um paralelo (OE) de referência.

Ao ponto O chama-se **Origem das coordenadas métricas.**

Para um ponto A, qualquer, há sempre uma distância M do ponto até ao meridiano de referência e uma distância P que vai do ponto até ao paralelo de referência (repare-se na correspondência de M distância ao meridiano, P distância ao paralelo).

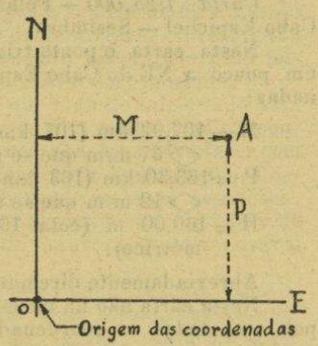


FIG. H

Para a construção das cartas portuguesas têm-se usado, principalmente, como origem das coordenadas os dois seguintes pontos:

Ponto Central — assim designado porque fica aproximadamente no centro do país; é um ponto que fica próximo do ponto trigonométrico (1) da Melriça (perto de Vila de Rei, ligeiramente a NO de Tomar).

Ponto Fictício — designado assim por estar no mar e, portanto, não se poder materializar; fica a 300 km a Sul e 200 a Oeste do Ponto Central.

Na maior parte das cartas topográficas vem a indicação das distâncias *M* e *P* das linhas Meridianas e Paralelas traçadas, em relação à origem das coordenadas por que foi tomada.

(1) Pontos trigonométricos, são pontos geralmente colocados em elevações ou sítios altos, para serem bem visíveis, marcados com uma pequena torre tronco-cónica ou pirâmide quadrangular, que se destinam a servir de referência mais segura para a determinação das distâncias no terreno pelos processos da triangulação; todos eles estão localizados de modo a formarem vértices de triângulos uns em relação aos outros.

g) **Indicações sobre sistemas de projecção e significado dos vários tipos de Norte**

No caso dos mapas e cartas, como a extensão de terreno é muito grande e a superfície terrestre é *esférica*, não há possibilidade de a tornar *plana*, com rigor, de modo a ser correctamente representada nos desenhos que são *planos*. Em virtude dessa impossibilidade de planificação existem várias maneiras, mais ou menos artificiosas, de solucionar as dificuldades — são os chamados **sistemas de projecção.**

Claro que conforme o sistema de projecção adoptado, assim o terreno aparecerá com uma ou outra configuração; um certo sistema pode dar representações bastante correctas numa certa zona, mas se queremos abarcar uma zona muito maior do que aquela para a qual o sistema é aconselhado, pode acontecer que para os pontos mais longínquos as deformações resultantes sejam muito grandes, a ponto de se chegar, por vezes a representações de ilhas não muito grandes, que passam a parecer no desenho, quase que continentes.

Adiante, a propósito de algumas das cartas portuguesas, indicam-se, sòmente, os nomes de alguns dos sistemas de projecção adoptados entre nós; isso nos chega para perceber que há diferenças entre umas e outras, embora se não aprofunde esse ponto.

Motivado, em parte, pelos diferentes sistemas de projecção usados e, por outro lado, também, pela adopção de coordenadas métricas de eixos rectilíneos perpendiculares que se afastam um pouco das coordenadas geográficas referidas aos paralelos e meridianos, resulta que nas cartas aparecem dois tipos de Norte (fig. I):

Norte Geográfico ou Norte Verdadeiro — É o indicado pela direcção correcta do Norte, em direcção ao Polo-Norte; é indicado pelo prolongamento do meridiano e, portanto, vão convergindo um pouco para o lado do Polo Norte.

Norte Cartográfico — É o indidado pela quadrícula N-S da carta. As linhas da quadrícula são todas paralelas umas às outras; não há por isso a convergência que existe na anterior. O Norte Cartográfico só coincide com o Verdadeiro no ponto tomado como origem das coordenadas; nesse caso a linha da quadrícula N-S coincide com o meridiano.

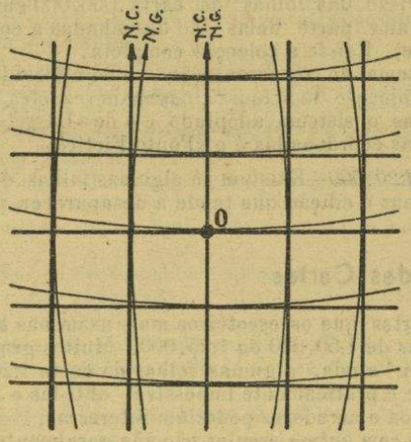


FIG. I

Diferença aproximada existente entre os dois tipos de quadrículas:

— A traços finos, curvos = das coordenadas geográficas (Latitudes e Longitudes, medidas segundo os paralelos e os meridianos);

— A traços grossos, rectos = das coordenadas cartográficas (Meridianas — M e Perpendiculares — P).

O ponto O é a origem das coordenadas.

Reparar na divergência que resulta, para certos pontos, entre o Norte Geográfico (N. G.) e o Norte Cartográfico (N. C.).

Além destes dois Nortes, há ainda a considerar o já nosso conhecido **Norte Magnético** que varia de lugar para lugar conforme a declinação da agulha magnética em relação ao Norte Verdadeiro.

2 — Cartas Portuguesas

Feitas algumas considerações genéricas sobre cartas topográficas, vejamos agora alguma coisa de mais concreto sobre as cartas portuguesas.

Os principais organismos que têm por função elaborar as cartas topográficas portuguesas, são:

— O *Instituto Geográfico e Cadastral*.
— Os *Serviços Cartográficos do Exército*.

(Continua na página seguinte)

Prova de Exploração

(Continuação da página anterior)

Como algumas das cartas publicadas o são em várias folhas, devidamente numeradas, cada um destes serviços publicou um mapa de conjunto onde está marcada a subdivisão e numeração das folhas.

As principais cartas editadas pelo primeiro, são:

Esc. 1:400.600—Em 3 folhas desenhadas a cores.

Esc. 1:200.000—Em folhas numerados de 1 a 17; só estão publicadas as duas últimas, correspondentes ao Algarve. São a cores.

Esc. 1:100.000—São 53 folhas desenhadas a cores, mas só estão publicadas 28.

O sistema de representação é o do elipsoide de «Puissant» e a projecção de «Bonne». Origem das coordenadas no Castelo de S. Jorge (Lisboa).

Nota—Há uma edição mais antiga, de 1862 a 1904, com 37 folhas, mas desenhadas só a preto.

Esc. 1:50.000—São as folhas da carta anterior subdivididas em 4 rectângulos, designados cada um com uma das letras A, B, C ou D e o número da carta 1:100.000 respectiva. O número total de folhas é só 155 pois muitas das subdivisões das 53 folhas da carta 1:100.000 não abrangem território português em virtude da irregularidade das costas marítimas e fronteiras com a Espanha. A grande maioria das folhas está desenhada a cores. Existe a colecção completa. O sistema de representação é o do elipsoide de «Bessel» e a projecção de «Bonne». A origem das coordenadas é o «Ponto Central».

Esc. 1:10.000 e *1:5.000* — Há algumas folhas de cartas nestas escalas, mas a sua finalidade é já mais a de inventariar determinadas parcelas de terreno — fazer o cadastro —. Há muito poucas folhas editadas.

As principais cartas editadas pelo segundo, são:

Esc. 1:25.000 — Folhas numeradas de 1 a 609, obtidas pela subdivisão das folhas da carta 1:50.000 em quatro folhas. A maior parte delas são desenhadas a cores (edição mais recente). Existe a colecção completa.

O sistema de representação é o do elipsoide de «Hayford» e a projecção de «Gauss», nas mais recentes, porque nas mais antigas o sistema adoptado é o de «Bessel» «Bonne». A origem das coordenadas é o «Ponto Fictício».

Esc. 1:20.000—Existem só algumas folhas de Lisboa e arredores, mas é edição que tende a desaparecer, por ter sido abandonada.

3 — Uso das Cartas

As cartas que os escoteiros mais usam nas suas actividades, são as de 1:50.000 ou 1:25.000. Muitos grupos haverá que tenham, ainda, algumas folhas da carta 1:20.000, mas actualmente é pràticamente impossível obtê-las e só aos grupos de Lisboa e arredores poderiam interessar.

Cartas com outras escalas não são geralmente utilizadas pelos escoteiros, pois que ou são pormenorizadas em demasia ou, pelo contrário, abrangem áreas tão grandes e são tão pouco pormenorizadas que não se coadunam com o género das nossas actividades.

Em certos trabalhos escotistas e nos próprios relatórios que os escoteiros devem fazer das suas excursões, as cartas acima referidas poderão ser usadas como base para a execução de «croquis» ou plantas mais pormenorizadas com elementos colhidos no campo; nestes «croquis» serão seguidos, normalmente, os sinais topográficos convencionais e o próprio escoteiro idealizará outros que lhe façam falta para dar realidade à pormenorização que pretende.

Orientar uma carta—Ao querer-se usar no campo uma carta é indispensável orientá-la, querendo-se significar com isto que tem de se colocar a carta numa posição tal que tudo aquilo que ela representa esteja em posição semelhante ao que está no terreno.

Para se conseguir isso, pode proceder-se dos dois seguintes modos:

— Pelo conhecimento prévio da direcção Norte-Sul.

Se conhecemos o Norte-Sul por qualquer dos métodos (bússola, relógio, sol, estrelas, etc.) então só é necessário colocar a carta horizontalmente e rodar com ela, nesse plano horizontal, de modo a fazer coincidir as linhas limites laterais (que indicam o N-S cartográfico) com a linha N-S do terreno, por nós determinado por qualquer dos métodos atrás indicados.

Orientada a carta convém verificar se a posição dos pontos que se avistam em evidência no terreno é a mesma, uns em relação aos outros; se assim acontecer a carta está orientada.

— Pela comparação do terreno com a Carta.

Caso não possamos conhecer o N por qualquer processo, proceder-se-á, só, como se indicou na parte final do processo anterior.

Para isso subir-se-á a um ponto alto de modo a identificar pelo menos 2 pontos importantes (igreja, caminho ou estrada, ponte, vila ou aldeia) que se avistem do ponto onde estamos; assinalados esses pontos do terreno com os sinais da carta, não temos mais que rodar a carta de modo a que os sinais representativos vão ficar em posições semelhantes aos pontos do terreno que representam.

Seguir um itinerário é ir acompanhando na carta o trajecto que se vai percorrendo no terreno. Para facilitar esse seguimento, deve manter-se orientada a carta, verificando a miúdo se os acidentes de terreno por onde vamos passando coincidem com os que estão na carta (não esquecer que há muita coisa no terreno que não está representada na carta; a redução da escala não o permitiu). Se formos atravessando uma mata ou qualquer lugar onde não haja pontos de referência seguros, deverá verificar-se a miúdo, com a ajuda da bússola, a direcção da linha que seguimos, marcando-a na carta; deverá medir-se com bastante aproximação (a passos por exemplo) a distância percorrida em cada direcção, marcando na carta essa distância, antes de mudar de rumo ou direcção, fazendo-se para essa nova direcção o mesmo que para a anterior.

O chefe deverá realizar com os seus escoteiros alguns exercícios de campo no género do acima descrito, antes e mesmo depois da prova da 1.ª classe; isso contribui para desenvolver o sentido da orientação.

Indicação dum ponto pelas suas coordenadas métricas

Como vimos atrás, qualquer ponto do terreno pode ser indicado pelas coordenadas métricas; vejamos alguns exemplos, tomados das três cartas mais indicadas para os escoteiros.

Carta 1:50.000 — Folha n.º 21-B correspondente ao Cabo Espichel — parte sul da península de Setúbal — foz do rio Sado.

Nesta carta, o Sanatório do Outão, à saída do rio Sado tem as coordenadas

M = + 70,00 km (64 que está na margem direita e mais 6 km ◇ 12 cm que se medem) (1)
P = + 149,35 km (140 que está na margem inferior e mais 9,35 km ◇ 18,7 cm que se medem)

diremos abreviadamente o ponto (+ 70,00 + 149,35).

Nesta carta há que tomar em atenção os sinais + ou — que vem junto das coordenadas.

Carta 1:25.000 — Folha n.º 464 correspondente ao Cabo Espichel — Sesimbra.

Nesta carta o ponto trigonométrico de Casais d'Azoia, um pouco a NE do Cabo Espichel, tem as seguintes coordenadas:

M = 107,92 km (107 km na quadrícula, mais 0,92 km ◇ 37 m/m que se medem)
P = 163,30 km (163 km na quadrícula, mais 0,30 km ◇ 12 m/m que se medem)
H = 160,00 m (cota 160 marcada no ponto trigonométrico).

Abreviadamente diremos, o ponto (107,92, 163,30).

Nesta carta não há necessidade de fazer caso dos sinais, pois que todas as coordenadas são para o mesmo lado das meridianas e paralelas de origem — aqui reside uma das vantagens do Ponto Fictício para origem das coordenadas.

Carta 1:20.000 — Folha n.º 68 correspondente à Costa da Caparica (Costa) na Costa Atlântica um pouco a Sul da desembocadura do Rio Tejo.

Nesta carta o cruzamento da estrada que da Costa vai para o interior (Este) liga com uma outra, que tem um seguimento mais ou menos N-S, um pequeno lugar chamado Areeiro. As coordenadas desse cruzamento de estradas, são:

M = 5,92 km (5 km da quadrícula, mais 0,92 km ◇ 46 m/m que se medem)
P = 7,12 km (7 km da quadrícula, mais 0,12 km ◇ 6 m/m que se medem)
H = 101 m (100 m da curva de nível mais próxima e 1 m por estimativa, visto se aproximar de um ponto de cota 102, que está num moinho).

---

(1) O sinal ◇ deve ler-se «equivalente a»

(Continua na página seguinte)

Prova de Exploração

(Conclusão da página anterior)

4 — Conhecimentos da Natureza

A excursão da 1.ª classe deverá ser utilizada pelo escoteiro para colher o maior número possível de elementos de estudo sobre a vida dos animais, plantas, tipos de rochas e minerais existentes na região atravessada, assim como sobre outras coisas que possam estar relacionadas com esses animais, plantas ou minerais e contribuam para caracterizar a vida da região.

O chefe deve dar indicações tão precisas quanto possível sobre os elementos a recolher, de modo a ajudar o seu escoteiro nesse trabalho: colheita de folhas ou outras partes de plantas de determinado local, estudo de alguns animais ou minerais que sejam abundantes ou ofereçam certas características especiais ou representem riqueza económica.

Que imensidade de considerações se poderiam fazer a este respeito!...

Que vastidão de aspectos se podem encarar, e, entre eles, haverá, decerto, algum que pode interessar o rapaz, sempre ávido de saber e de satisfazer a sua curiosidade, principalmente quando é posto perante as incógnitas da realidade das coisas.

Aproveitem-se estas excursões para esse estudo realista; dêem-se indicações sobre o estudo a realizar em livros que teòricamente possam ajudar a obter conhecimentos, mas não se esqueça nunca a objectividade e o realismo das actividades, porque, essas sim, são sempre atraentes: procure-se fazer a transmissão dos conhecimentos aos mais desinteressados através dos mais estudiosos e interessados, pois são eles, por assim dizer, os pioneiros a desbravar as dificuldades dos outros nesses assuntos.

Procure-se interessar os escoteiros pelos estudos práticos da botânica, zoologia, mineralogia e agricultura; dêem-se noções da classificação e agrupamentos sistemáticos das plantas e animais; habituemo-los a fazer colecções de folhas, raízes, flores e frutos, classificando-os e ensinando-se-lhes os seus nomes (os vulgares e os científicos, se possível). A colecção de borboletas ou outros animais, a obtenção de modelos de pegadas, o estudo do modo de vida dos animais que vivem na região que se atravessa, a colecção de rochas, minerais ou cristais encontrados e sua classificação e identificação e muito mais, pode e deve constituir objectivo a atingir com a realização da excursão da 1.ª classe.

Triste engano o de vermos, às vezes, executar esta excursão com o simples objectivo de «papar» quilómetros, de acampar e deixar passar o tempo que regularmente se exige seja passado fora de casa.

Um dos principais objectivos desta excursão é encorajar o rapaz a explorar e a desvendar os mistérios das coisas que nos rodeiam.

A excursão que o escoteiro realiza para que lhe seja concedida a 1.ª classe deve ser o começo dessa ânsia de exploração e de descoberta; se após a realização da excursão que concedeu a prova o escoteiro deixa de fazer outras, então é sinal de que não ficou suficientemente encorajado para trilhar essa senda em busca de esclarecer o desconhecido.

O chefe não deve pretender que logo de início tudo saia perfeito; não deverá exigir muito, nem muitos conhecimentos, para que o rapaz se não desencorage, mas deve fazer com que, de actividade para actividade, vão melhorando os conhecimentos dos escoteiros e melhorando as suas actuações.

Para se atingir plenamente o objectivo da aquisição de conhecimentos sobre as coisas da natureza, é indispensável que:

a) A biblioteca do grupo possua bons manuais escotistas, acessíveis aos rapazes e onde esses assuntos sejam convenientemente tratados (como há alguns editados noutros países—E. U. A. e Inglaterra); na falta desses manuais, uns compêndios de botânica, zoologia, mineralogia e agricultura, também podem prestar bom auxílio.

b) O grupo possua instrutores ou pessoas amigas que, de tempos a tempos, possam fazer umas prelecções sobre esses assuntos.

V — Algumas notas para a elaboração do relatório

Coisa primordial e indispensável, quando da realização da excursão, é a elaboração do respectivo relatório; os objectivos a atingir com ele são:

1 — Conservar um relato dos acontecimentos para poder ser recordado mais tarde.

2 — Treinar o rapaz no registo ordenado do que observa.

3 — Servir de base a estudos mais pormenorizados que queira efectuar depois.

4 — Servir de base à apreciação do chefe do grupo, para classificação do trabalho realizado durante a excursão.

É prática corrente, mas condenável, fazer apontamentos soltos que depois se compilam e completam em casa. Com tal prática sucede que os elementos colhidos são insuficientes (ou se não colhem mesmo) recorrendo-se depois, em casa, à memória para então elaborar o relatório. Claro que este sistema de trabalhar conduz à execução de um mau e incompleto relatório, ou à inclusão nele de coisas que às vezes quase são inventadas em casa (para aqueles que têm um grande espírito imaginativo) ou então conduz ao esquecimento e desinteresse pela sua apresentação.

Para obviar a estes inconvenientes gravíssimos é *indispensável que o relatório seja elaborado durante a excursão*, a par e passo com os acontecimentos. Tudo o que se vê e se colhe como elemento de estudo ou de repositório deve ser imediatamente registado ou arquivado. Terminada a excursão deve estar concluído o respectivo relatório; só uma escassa hora poderá ser concedida para terminar quaisquer notas, completar quaisquer registos ou ordenar qualquer coisa que nos possa ter saído um pouco mais desordenadamente.

Não deverá pretender-se que o relatório seja completo em todos os seus aspectos, nem que traduza alta ciência, que pode não existir; isso não impede que com os elementos colhidos e com as observações feitas se procure, depois, e na calma do estudo em casa ou na sede, realizar estudos que possam esclarecer algumas dúvidas surgidas durante a excursão. Muitas dessas dúvidas ou pontos obscuros do nosso saber deverão ser anotadas no relatório de modo que ao relê-lo possamos procurar estudar e esclarecer esses pontos, progredindo, assim, no nosso aperfeiçoamento.

Nestas condições, deverá o escoteiro ir munido dum caderno onde vá anotando tudo que veja de interesse, e até, por vezes, aquilo que pareça não ter interesse, pois mais tarde pode vir a tê-lo.

O caderno deverá ter intercalado, talvez, até, folha sim folha não, uma folha de papel liso para desenhos, esquemas, colagem de folhas de plantas ou outros elementos colhidos que a tal se prestem.

Não será demasiado insistir que é da máxima importância a execução de desenhos e «croquis»: vistas panorâmicas, «croquis» do itinerário seguido, desenhos de recantos ou edifícios típicos encontrados, de plantas ou animais que nos prendam mais a atenção e não possam ser transportados. Tudo se deve fixar ao máximo nesses esquemas feitos ràpidamente; embora esquemáticos eles devem procurar traduzir correctamente o que foi observado.

Na parte escrita, deverá ter-se em atenção que interessa registar, principalmente:

a) Horas dos principais acontecimentos;

b) Relato do que se observa, do que se vai fazendo e do estado do tempo;

c) Distâncias percorridas, desde o ponto de partida e entre os vários pontos intermédios;

d) Registo e identificação dos pontos de paragem, estacionamento ou bivaque;

e) Execução de «croquis» dos caminhos e locais percorridos;

f) Execução de desenhos esquemáticos de panorâmicas ou de certas coisas observadas e que sejam objecto de estudo mais atento;

g) Arquivo de plantas ou animais colhidos.

Como norma genérica poderão dar-se as seguintes indicações:

Na primeira folha do caderno, deverão assinalar-se:

RELATÓRIO DA EXCURSÃO

Realizada por .....

Acompanhado por .....

Objectivo geral .....

Objectivos especiais .....

.....

Data { *de começo* ...../...../..... / *de conclusão* ...../...../.....

Local { *de começo* ..... / *de bivaque* ..... / *de términus* .....

Estado do tempo .....

Carta topográfica usada .....

Nas folhas seguintes poderão reservar-se as páginas da esquerda para os desenhos ou arquivo de quaisquer outros elementos, e nas páginas da direita usar-se a seguinte disposição:

Dia...../...../.....						
Hora	NOTAS	Distâncias		Coordenadas dos pontos		
		Parc.	Totais	M	P	H

Conhecimento da Natureza

PELO CAMINHEIRO

ARMANDO GARCIA INÁCIO

18) *Conhecer 10 árvores pelo perfil.*

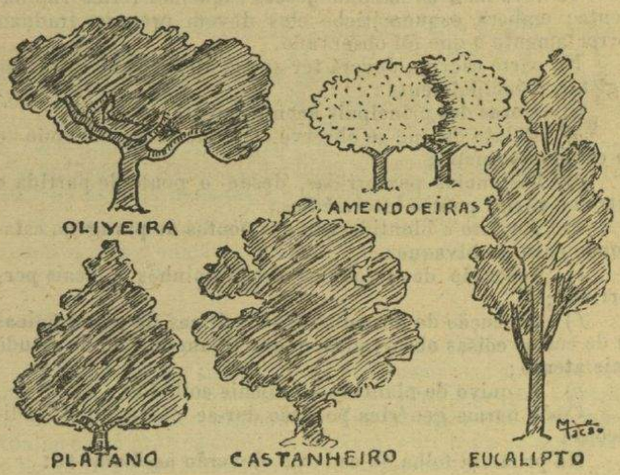
Prestadas já quase todas as provas, com certeza te consideras um grande campista e muito bom escoteiro.

Fizeste, sem dúvida, grande número de acampamentos, amas com devoção a Natureza, não maltratas plantas nem animais, sabes como e onde deves acampar, podes mesmo prever as mudanças de tempo. Para ampliar, no entanto, os teus conhecimentos campistas, precisas também de adquirir a prática de conhecer as árvores pelo seu perfil.

Não é fácil, ao princípio, identificar árvores ao longe. Um inexperiente verá sòmente um conjunto verde, alto ali, baixo além, denso num lado e ralo no outro, mas um escoteiro com bastante prática desta observação, consegue conhecê-las como se estivesse junto delas.

Claro está que para atingir esta prática é preciso muito tempo, muita vida de campo e espírito de observação. Naturalmente terás já visto muitas árvores a distância, mas nunca te detiveste a fazer um estudo sobre o seu aspecto.

Observa as gravuras juntas, repara no perfil que cada árvore nos oferece, desde o pinheiro até ao matagal, e verifica como cada uma delas tem um aspecto peculiar perfeitamente identificável. Quando, no próximo exercício de campo, vires ao longe uma árvore de copa baixa e larga, com as ramagens inferiores quase a roçar o terreno, já sabes que é uma figueira. Decerto não escolherias essa sombra para o teu acampamento, pois o chão da figueira é doentio, em virtude dos raios solares não penetrarem a ramagem frondosa, tornando o local húmido, sujeito a vermes e putrefacção.



Pelo contrário, se notares árvores altas, tronco direito, com copa larga umas vezes, outras esguia e pouco densa, deve tratar-se do pinheiro bravo. Os pinhais são óptimos para acampamento, porque o pinheiro é uma árvore muito saudável, oferecendo boa sombra, visto tratar-se de árvore alta que permite o arejamento do terreno e a passagem dos raios solares.

Os pinheiros mansos, de copa mais redonda, são igualmente muito saudáveis para os nossos acampamentos, dando-nos ainda os pinhões, alimento saboroso e nutritivo.

Os eucaliptos proporcionam também óptimos locais para acampar. São árvores altas, de um perfume muito saudável, oferecendo boas sombras, visto, tal como os pinheiros, deixarem penetrar o sol nos terrenos e permitirem o arejamento.

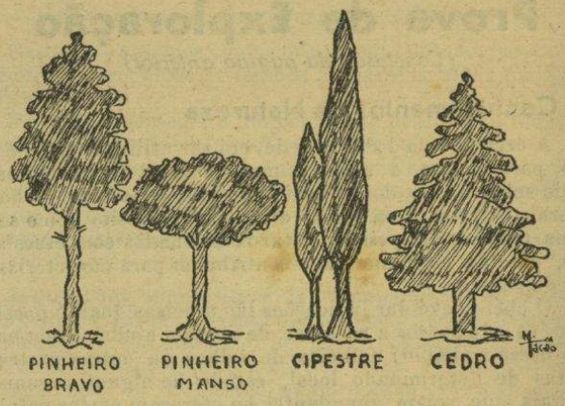
Os pinheiros e os eucaliptos possuem troncos vigorosos, permitindo o seu uso, com segurança, para exercícios de pontes.

Árvores como os ciprestes e cedros não dão bons locais para actividades, pois além de projectarem sombra pouco larga são muito densas e os seus ramos fracos, ainda com a desvantagem das suas miúdas ramagens servirem de ninho às aranhas e outros insectos, que incomodam quem perto delas permaneça.

Locais onde abundem matagais, piteiras e silvas, são indicados para jogos de observação, mas não servem para permanecer porque são sítios agrestes.

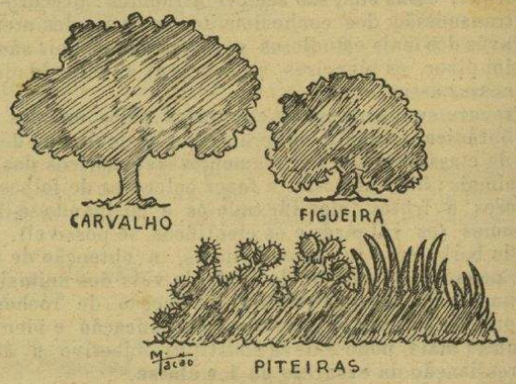
Interessar-te-á também o conhecimento das árvores para a escolha de lenha para a cozinha. O pinheiro, a oliveira, o sobreiro, a azinheira, o carvalho, oferecem boa lenha. A de eucalipto já é mais fraca, mas pode ainda ser utilizada. As pinhas secas são óptimas para o fogo.

Quando armares a tua tenda junto de quaisquer árvores,



procura sempre erguê-la numa clareira, num local batido pelo sol. A sombra das árvores serve apenas para as tuas actividades diurnas.

Enfim, só a prática te tornará perito no reconheeimento das árvores a distância. Nos teus exercícios procura desenhar o perfil que elas te oferecem. Observa com atenção, estuda os teus desenhos, e em breve, um simples golpe de vista será suficiente para que reconheças o arvoredo que ao longe te convida para uma sesta.



Mas, uma recomendação apenas: A árvore é uma das grandes bênçãos da Criação. Ela purifica a atmosfera, dá-nos sombra, perfuma o ar, oferece-nos saborosos frutos, varas para nos apoiarmos, lenha para cozinhar, madeira para os nossos móveis e casas. Merece todo o nosso respeito e estima. Nas suas andanças pelo campo, o Escoteiro é um desvelado admirador e protector da árvore. Nunca consentirá que a prejudiquem cravando pregos ou facas no seu tronco, acendendo fogueiras sobre as raízes, quebrando ou baloiçando os ramos. Se necessita de lenha corta-lhe apenas os galhos secos. O seu respeito é tão profundo que quando, por absoluta necessidade e devidamente autorizado, tem de abater alguma, antes de o fazer presta homenagem à árvore fazendo-lhe a saudação do lenhador: braço direito empunhando o machado levantado sobre a cabeça.

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS
QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA